



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADES – OSMAR DE AQUINO

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

WENDERSOM BRUNO ALEXANDRIA SILVA

**OS DENTES AFIADOS DA VIOLÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DO ABUSO
SEXUAL NO CONTO “CHAPEUZINHO VERMELHO”, DE CHARLES PERRAULT**

GUARABIRA

2021

WENDERSOM BRUNO ALEXANDRIA SILVA

**OS DENTES AFIADOS DA VIOLÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DO ABUSO
SEXUAL NO CONTO “CHAPEUZINHO VERMELHO”, DE CHARLES PERRAULT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Letras – habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. José Vilian Manguera

GUARABIRA
2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Wendersom Bruno Alexandria.

Os dentes afiados da violência [manuscrito] : a representação do abuso sexual no conto "Chapeuzinho vermelho", de Charles Perrault / Wendersom Bruno Alexandria Silva. - 2021.

50 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. José Vilian Mangueira ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Abuso Sexual. 2. Chapeuzinho Vermelho. 3. Lobo. I.

Título

21. ed. CDD 371.786

WENDERSOM BRUNO ALEXANDRIA SILVA

OS DENTES AFIADOS DA VIOLÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DO ABUSO SEXUAL
NO CONTO “CHAPEUZINHO VERMELHO”, DE CHARLES PERRAULT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Letras – habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 20/05/2021

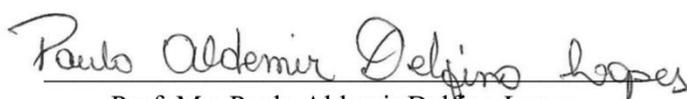
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Vilian Manguiera (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes

SEECT-PB

A todas as crianças e adolescentes que tiveram suas vozes silenciadas, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A universidade me proporcionou uma jornada desafiadora durante os últimos quatro anos de curso. Por meio de longos caminhos de estudo, pude conhecer pessoas incríveis e com histórias semelhantes à minha. Hoje, levo comigo diversas lembranças, compartilhadas entre aqueles que fizeram a diferença e me auxiliaram em momentos inesquecíveis. Por isso, quero agradecer aos meus amigos, em especial a Lucas, por sempre ter estado ao meu lado, seja durante as aulas, nos corredores, nos projetos e, até mesmo, durante o lanche. A Tami, que disponibilizou diversas vezes seu apartamento para que eu pudesse descansar e, assim, poder participar de eventos e projetos de extensão no período noturno, como também dividiu comigo o seu tempo para sairmos juntos por Guarabira, aliviando nossas preocupações. A Gerciane, que sempre se dispôs a me ajudar e jamais deixava uma ideia passar despercebida, sou muito grato por todos os conselhos, conversas e momentos que passamos juntos. Ao meu amigo Marcelo, por todas as caronas, risadas e seu auxílio nos imprevistos da vida. E aqueles que me ajudaram de alguma forma, Madu, Bianca, Max, Thaís, Jonathas, aos Vicentes, e os meus conhecidos, muito obrigado.

Agradeço, também, ao meu orientador e amigo, Vilian Manguiera, por todas as incríveis aulas e oportunidades de conhecimento ganhos durante esses últimos períodos. Ao professor Auricélio Soares, por me ajudar a enxergar o ensino de Literatura de forma lúdica e encantadora. A todos os professores da UEPB, que, em tempos difíceis para a educação em nosso país, continuaram entregando o máximo de si e mantendo a esperança de dias melhores.

No mais, quero agradecer à minha família: meu irmão Wallyson e meu padrasto Edilson, por todo apoio; à minha mãe, Rúbia Cristiane, que sempre acreditou em meu esforço, celebrou minhas conquistas e afirma para todos o orgulho que sente por mim. Te amo, mainha.

E ao meu Deus, por todas as bênçãos alcançadas, por toda proteção e por todo auxílio na luta diária que ocorre em meu interior, sou e serei eternamente grato.

“Assim, aprendemos que as crianças, principalmente as meninas bonitas, gentis e bem-criadas, não devem dar ouvidos a homem nenhum.” (Charles Perrault, 1998, p.89)

RESUMO

O abuso sexual é um tipo de violência que ocorre contra crianças e adolescentes, cujos agressores são pessoas adultas que buscam envolvimento com um menor de idade para realizar algum tipo de atividade sexual em que a vítima não compreende completamente e é incapaz de consentir. Tendo em vista a necessidade de uma maior compreensão sobre o ato de violência que ocorre no conto “Chapeuzinho Vermelho”, o objetivo principal desta pesquisa é delinear a presença do abuso sexual na versão da história escrita pelo autor francês Charles Perrault. A partir de um estudo qualitativo e bibliográfico, propõe-se apresentar reflexões sobre o conto citado, como sua origem e simbologias, utilizando referências que contribuam para o desenvolvimento das análises propostas. Entre as principais contribuições, é possível citar as de Bettelheim (1980), Araújo (2002), Feber (2007), Chevalier & Gheerbrant (2009), Neves *et al.*, (2010), Florentino (2015), Campos *et al.* (2017), Hohendorff & Patias (2017) e Mioranza *et al.* (2018). Com essa perspectiva, é possível afirmar que a personagem Chapeuzinho Vermelho é abusada sexualmente pelo Lobo a partir das etapas de preparação, no qual o agressor busca estreitar laços com a criança/adolescente visando conquistar maior confiança e afeto, e os episódios, por meio do *voyeurismo* e estupro, em um tipo de abuso sexual denominado intrafamiliar.

Palavras-chaves: Abuso sexual; Chapeuzinho Vermelho; Lobo.

ABSTRACT

The sexual abuse is a kind of violence that occurs against children and teenagers whose aggressors are adults seeking for involvement with a minor to perform some type of sexual activity that the victim does not fully understand, is unable to consent. In view of the need for a greater understanding of the act of violence that occurs in the tale “Little Red Riding Hood”, the main objective of this paper is set out the presence of sexual abuse in the tale “Little Red Riding Hood” by Charles Perrault. Through a qualitative and bibliographical study, it proposes to present thoughts about the cited tale, as its origins and symbologies, using references that add to the development of the proposed reviews. Among the main contributions, it is possible to name those from Bettelheim (1980), Araújo (2002), Feber (2007), Chevalier & Gheerbrant (2009), Neves *et al.*, (2010), Florentino (2015), Campos *et al.* (2017), Hohendorff & Patias (2017) and Mioranza *et al.* (2018). With this perspective it is possible to say that character Little Red Riding Hood is sexually abused by the Wolf in the preparation steps, in which the aggressor seeks to strengthen ties with the child/teenager in order to gain a greater trust and affection, and episodes through voyeurism and rape in a kind of sexual abuse called intrafamily.

Keywords: Sexual abuse; Little Red Riding Hood; Wolf.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ERA UMA VEZ...: O IMAGINÁRIO DOS CONTOS DE FADAS	12
3 CHARLES PERRAULT E SUA INFLUÊNCIA NA LITERATURA INFANTO- JUVENIL.....	17
4 AS ORIGENS DE “CHAPEUZINHO VERMELHO”	20
5 ALÉM DO CONTO: SIMBOLOGIAS EM “CHAPEUZINHO VERMELHO”	24
5.1 O vermelho do capuz	24
5.2 Nos caminhos da floresta	25
5.3 As faces do lobo.....	27
6 O QUE NÃO NOS CONTARAM: A PRESENÇA DO ABUSO SEXUAL NA NARRATIVA CLÁSSICA DE CHARLES PERRAULT	30
6.1 As etapas do abuso sexual em “Chapeuzinho Vermelho”	33
6.2 O Lobo travestido de avó e o abuso sexual intrafamiliar	38
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXO A - Conto “Chapeuzinho Vermelho” extraído do livro <i>Volta Ao Mundo Em 52 Histórias</i>	49
.....	50

1 INTRODUÇÃO

Em uma breve interpretação, “Chapeuzinho Vermelho” pode ser visto como um conto sobre seguir os conselhos dos mais experientes, como nossos pais e avós. A narrativa nos ensina a não darmos ouvidos para pessoas estranhas, caso contrário, acabaríamos como a menina do capuz vermelho, devorada por um Lobo. Para o nosso alívio, um caçador aparece, quase que magicamente, e consegue salvar a garota e a sua avó, arrancando as duas do estômago do animal. Nada melhor do que um final feliz para todos, até mesmo para o Lobo que, em muitas versões da história, sai apenas com algumas pedras no estômago, porém vivo. Assim, mais uma vez é reforçada a ideia do bem vencendo o mal. Por isso, é de se estranhar o final proposto pelo autor Charles Perrault, um desfecho triste e inesperado, onde o mal acaba se sobressaindo sobre o bem.

A ação do Lobo em devorar Chapeuzinho Vermelho e a sua avó é constantemente lembrada na maioria das versões conhecida desse conto. Então, a partir dessa ressalva, foi possível notar a presença de um tema não muito comum entre as narrativas dos contos de fadas clássicos, e que, posteriormente, auxiliou no surgimento desta pesquisa. Pode-se dizer, em um primeiro momento, que a versão escrita por Charles Perrault é uma forma de representação do abuso sexual. Na versão mais popular do conto, escrita pelos Irmãos Grimm, o caçador retira as vítimas do estômago do Lobo, sendo assim, considerado o herói da história. Porém, é a versão de Perrault, na qual a vitória é a do animal, a responsável por deixar mais explícita a representação desse ato violento.

A violação dos direitos sexuais, que envolve o abuso e a exploração do corpo e da sexualidade, pode ocorrer com indivíduos do sexo masculino e feminino, e em qualquer faixa etária. Assim, as vítimas de algum tipo de violência sexual são descritas como indivíduos violentados sexualmente. A Organização Mundial da Saúde (1999 *apud* NEVES *et al.*, 2010, p.101), ao referir-se à violência sexual em que a vítima é uma criança ou um adolescente, adota o termo abuso sexual infantil. Esse termo refere-se ao envolvimento de uma criança em atividade sexual que ele ou ela não compreende completamente, é incapaz de consentir, ou para a qual, em função de seu desenvolvimento, a criança não está preparada e não pode acatar.

Dentre as definições acerca do abuso sexual, Araújo (2002) explica que o ato é uma forma de violência que envolve poder, coação e/ou sedução. A autora também ressalta a dificuldade de comprovação do ato, pois, na maioria dos casos envolvendo crianças pequenas, não há a presença de marcas visíveis devido ao fato de seus agressores não utilizarem de força

física. Contudo, “o abuso sexual pode variar de atos que envolvem contato sexual com ou sem penetração a atos em que não há contato sexual, como o voyeurismo e o exibicionismo.” (ARAÚJO, 2002, p.5). Além disso, a ocorrência do abuso sexual, segundo Florentino (2015, p. 139), pode estar presente tanto no âmbito intrafamiliar – relação entre pessoas que tenham laços afetivos, quanto no âmbito extrafamiliar – relação entre pessoas que não possuem parentesco.

No Brasil, foi aprovada, em 14 de abril de 2017, a lei 13.431, que estabelece um sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência. De acordo com Hahendorff e Patias (2017), a violência sexual é definida por essa lei como “qualquer conduta que constranja a criança ou o adolescente a praticar ou presenciar conjunção carnal ou qualquer outro ato libidinoso, inclusive exposição do corpo em foto ou vídeo por meio eletrônico ou não” (BRASIL, 2017 *apud* HOHENDORFF; PATIAS, 2017, p.241). Apesar da existência desta lei e de algumas campanhas de conscientização e combate ao abuso sexual, como o Maio Laranja, sendo esta pesquisa defendida durante o mês citado, o número de casos denunciados de abuso sexual contra crianças e adolescentes ainda continua alarmante.

A partir de análises de estudos sobre a prevalência mundial do abuso sexual, publicados entre 1980 e 2008, estima-se que esse tipo de violência contra crianças e adolescentes foi de 11.8% em um total de casos gerais notificados. Em relação ao sexo, a prevalência estimada para meninas foi de 18% e, para meninos, de 7.6%, sendo essa diferença estatisticamente significativa (STOLTENBORGH *et al.*, 2011 *apud* HOHENDORFF & PATIAS, 2017, p.242). Enquanto no Brasil, no período compreendido entre maio de 2003 e março de 2010, foram identificadas 214.689 vítimas registradas nas notificações de algum tipo de violência por meio do Disque Direitos Humanos (Disque 100). Dentre os casos de violência sexual, 38% foram de vítimas do sexo masculino e 62% do sexo feminino, indicando maior notificação de casos de meninas (HOHENDORFF & PATIAS, 2017).

No entanto, os dados epidemiológicos sobre a ocorrência do abuso sexual não abrangem a totalidade de ocorrências, tendo em vista que existem casos não notificados. Isso ocorre devido a fatores que contribuem para a dificuldade em se obter dados válidos, como a falta de sistematização das informações, o despreparo dos profissionais e de padronização das ferramentas de notificação (HOHENDORFF; HABIGZANG; KOLLER, 2014).

Tendo em vista os dados e as dificuldades citadas anteriormente, a presente pesquisa possui como motivação a necessidade de iniciativas mais eficazes no combate ao abuso sexual, pois ao ser considerado um problema de saúde pública pela Organização Mundial da

Saúde (VON HOHENDORFF *et al.*, 2015), leva-se em consideração a fragilidade do tema e sua predisposição a afetar um número maior de crianças e adolescentes. E tendo como objeto de estudo um conto clássico extraído da literatura universal, o nosso estudo também anseia em demonstrar a importância e a riqueza de simbologias de narrativas conhecidas popularmente, porém, vistas, pela grande maioria, como formas de entretenimento, e, em poucos casos, como peças de análises críticas em centros educacionais referenciados.

Sendo assim, o objetivo principal deste estudo é analisar resquícios de abuso sexual no conto “Chapeuzinho Vermelho”, do autor Charles Perrault, resgatado de uma coletânea de contos clássicos intitulado *Volta ao Mundo em 52 Histórias*, cuja organização é de Neil Philip (1998). Para que isso ocorra, será necessário delinear as formas, assim como o tipo de abuso sexual que ocorrem com a personagem principal, que dá nome à história, Chapeuzinho Vermelho. E dentre os objetivos específicos, encontram-se apresentar as possíveis origens do conto já citado, junto com suas supostas simbologias, que poderão auxiliar nas reflexões e interpretações levantadas durante os capítulos seguintes.

Como metodologia, essa pesquisa se deu a partir de estudos qualitativos, cujo objetivo principal “é delinear ou analisar as características de um fenômeno” (CAMPOS, 2000, p. 54). Por conseguinte, serão utilizadas obras de autores cujas áreas são denominadas em história, psicologia, direito, saúde e serviço social. Entre as principais contribuições, é possível citar as de Bettelheim (1980), Araújo (2002), Feber (2007), Chevalier & Gheerbrant (2009), Neves *et al.*, (2010), Florentino (2015), Campos *et al.* (2017), Hohendorff & Patias (2017) e Mioranza *et al.* (2018).

No mais, esta pesquisa se divide em cinco capítulos que pretendem situar o leitor sobre a importância de Charles Perrault para a literatura infanto-juvenil, a origem do conto “Chapeuzinho Vermelho” e suas simbologias, assim como a presença do abuso sexual, suas formas e o referente tipo na narrativa aqui citada. Logo em seguida, será apresentado o contexto histórico dos contos de fadas e sua permanência na contemporaneidade.

2 ERA UMA VEZ...: O IMAGINÁRIO DOS CONTOS DE FADAS

Um fenômeno que faz parte de diversas gerações ao redor do mundo, os contos de fadas moldaram a forma como as pessoas enxergam as histórias repletas de elementos fantásticos, seres mitológicos e a recorrente disputa entre o bem e o mal. Quando somos apresentados a esses contos, originários de épocas distantes, o nosso imaginário ganha vida, enquanto a realidade ganha uma atmosfera mágica. Sensações únicas são responsáveis por tornar os hábitos de ler e ouvir histórias muito mais prazerosos, pois crescemos com a enorme expectativa de encontrar o famoso final feliz prometido pela narrativa desses contos. Ficamos apreensivos quando um personagem precisa enfrentar situações de risco, como ocorre com a Branca de Neve após ser abandonada em uma floresta desconhecida e cheia de perigos. Mas logo em seguida, surge um alívio ao sabermos que criaturas gentis estão dispostas a ajudar o herói da trama, a exemplo da Fada Madrinha, responsável por salvar a noite da Cinderela ao presenteá-la com um lindo vestido, um belo par de sapatinhos de cristal e uma carruagem que a levará ao baile do Príncipe Encantado.

Não é difícil, então, imaginarmos por que os contos de fadas são tão populares. De mitos folclóricos à cultura pop, os personagens desses contos, onde as fadas mal aparecem em sua maioria, carregam em seus nomes as personalidades que muitas crianças desejam alcançar. Entre princesas, bruxas, duendes, gigantes, príncipes e sapos, encontramos figuras que serviram de inspiração para diversas novas histórias ao longo dos séculos. Pois, como bem afirma Neil Philip (1998, p.25), “no plano da imaginação basta pensar em algo para concretizá-lo”. Graças a essa concretização, escritores se consagraram por reunir o melhor da tradição oral em escritos ricos em detalhes descritivos e desfechos mais poéticos.

Assim como as histórias folclóricas, “os contos de fadas surgiram a partir de mitos e relatos, com um intuito de relembrar a sabedoria passada e transmiti-la às gerações futuras” (RADINO, 2003, p.25). Como o ato de leitura ainda não existia durante a época do surgimento desses contos, a comunicação oral era uma das únicas formas de compartilhamento dessas histórias, visto que, de acordo com Pessolato e Bronzatto (2014), todas as formas de comunicação oral e corporal eram usadas para se transmitirem regras, valores, conceitos etc. Mas foi com a invenção da prensa tipográfica, por volta do século XV, que o ato de leitura ganhou força, sendo introduzida como uma nova forma de transmissão de conhecimento. A partir disso, os contos ganharam a atenção de escritores, que saíram em busca dos antigos aos mais recentes relatos sobre mitos e histórias daquela época, para, assim, construir o que, atualmente, conhecemos como literatura infantil, ou, os contos de fadas:

Apesar de muitos contos terem chegado até nós pela escrita, sua sobrevivência na história deve-se à tradição oral. Através de uma série de rituais interditos, os contos de fadas foram transmitidos e puderam, dessa forma, perpetuar-se durante séculos. O narrador transformava sua função em um cerimonial em que não só o que era transmitido importava, mas a ritualização de sua transmissão. (RADINO, 2003, p.38)

Entre os temas recorrentes nos contos de fadas, estão os conflitos envolvendo pessoas da monarquia, famílias desafortunadas, crianças de destinos incertos, além da representação dos sentimentos de traição, angústia e felicidade. A presença desses conteúdos ocorreu devido ao contexto histórico pelos quais os relatos, mitos, e, posteriormente, contos, foram criados. Sendo a Europa o berço da diversidade cultural que encontramos no Ocidente, uma das características dos homens europeus era ocupar-se do uso da razão e intelecto, incluindo as questões do homem e do mundo¹. Desse modo, é importante ressaltar o reflexo dos costumes sociais e da forma como a sociedade se apresentava diante das artes, ciências e literatura.

Predominante na maior parte das sociedades europeias até o final do século XIX², o sistema monárquico contribuiu para a construção de figuras marcantes nos diversos contos de fadas que conhecemos. A Rainha Má, antagonista do conto “A Branca de Neve”, é descrita como uma mulher rigorosa, fria, e, como o próprio nome revela, de uma maldade imensurável. Essa descrição da personagem é apenas um dos exemplos de como o imaginário das pessoas funcionava durante a época em que o conto ganhou vida, visto que, até hoje, figuras públicas, como artistas e políticos, despertam o interesse de autores que pretendem fazer homenagens ou críticas a essas pessoas.

Outro momento histórico que influenciou na formação dos contos de fadas foi o feudalismo. Durante a Idade Média, esse sistema se caracterizava pela exploração do trabalho servil, responsável por toda a produção nos chamados feudos, lotes de terras que pertenciam aos senhores feudais. Os servos, em sua maioria camponeses, buscavam no feudalismo um meio de sustento; no entanto, de acordo com Almeida (2010, p.4), muitos deles estavam forçados a trabalhar para o mesmo senhor feudal devido à proteção e ao lote de terra que recebiam. Por este fato, os servos se sentiam presos em uma realidade sem final feliz, e, como forma de escape desse modo de vida, encontravam nos contos, transmitidos oralmente, forças para superarem a situação humilhante à qual eram submetidos. Além disso, enxergavam na magia um portal para um mundo de sonhos, onde seria possível um servo chegar à monarquia,

¹ MAINKA, Peter Johann. Os fundamentos da identidade europeia na antiguidade, na idade média e nos tempos modernos. *Acta Scientiarum Education*. Maringá, v. 33, n. 1, p. 57-69, 2011.

² CAVALCANTI, Maria Clara. Monarquia. *Quero Bolsa*, 2019. Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/enem/historia-geral/monarquia>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

algo que jamais aconteceria no mundo real daquela época, visto que a sociedade feudal era dividida em estamentos, o que impossibilitava a passagem de uma camada social para outra. No trecho do conto “O Pequeno Polegar”, de Charles Perrault, recontado por Fernanda Lopes de Almeida, é possível notar a difícil decisão tomada pelo casal de lenhadores em abandonar seus sete filhos após a miséria não os possibilitarem o sustento da família, sendo isto um reflexo de algo que ocorria com certa frequência no período medieval:

- Tu bem vês que já não conseguimos alimentar nossos filhos. Eu não aguentaria vê-los morrer de fome, diante dos meus olhos. Estou resolvido a abandoná-los no bosque, amanhã. Será bem fácil: enquanto eles se divertirem procurando lenha miúda, nós só teremos que fugir.

- Ah! – exclamou a lenhadora. – Como podes pensar em abandonar teus próprios filhos?

Por mais que o marido lhe fizesse ver a miséria em que estavam, ela não poderia consentir aquilo:

- Sou pobre, mas sou mãe – dizia.

Entretanto, tendo considerado o sofrimento que lhe causaria vê-los morrer de fome, concordou afinal e foi deitar-se chorando. (ALMEIDA, 2012, p. 68-69)

Ao situarmos o surgimento das histórias tradicionais, que, atualmente, fazem parte dos diversos contos de fada que conhecemos, engana-se quem acredita que estes sempre foram destinados ao público infantil. Naquela época, “não existia uma concepção de infância da qual conhecemos hoje” (RADINO, 2003, p.134), por conseguinte, adultos, jovens e crianças eram vistos sob os mesmos aspectos. Por isso, não seria estranho observar menores de idade submetidos ao trabalho braçal e frequentando espaços destinados a maiores. Através de estudos em obras de arte e registros em diários de famílias, Áries (1981) pôde observar que a concepção de infância passou a ser tratada de uma nova maneira devido ao surgimento da escolarização. A partir do século XIII, as crianças puderam ser separadas dos adultos e agrupadas em um ambiente no qual o autor chama de quarentena, termo utilizado para descrever as escolas. Nesse ambiente, elas puderam, então, conviver com pessoas da mesma faixa etária, e graças ao apoio das famílias quanto à educação de seus filhos, a preocupação para com as crianças ganhou mais força, tendo o reforço de grupos católicos e protestantes ligados às leis ou ao Estado.

Sendo assim, após a queda do feudalismo, a criança recebeu uma atenção ainda maior, pois uma nova estrutura familiar estava a surgir. Na escola, as crianças de famílias aristocratas liam grandes clássicos da literatura, e, orientados por seus educadores, conheciam histórias com conteúdos morais e políticos. Enquanto isso, aquelas de classes populares se deparavam com narrativas de cavalaria, aventuras e contos folclóricos, advindos da tradição oral. Fica claro, então, enxergar como os contos de fadas ganharam o título de histórias infantis, visto

que os escritores da época possuíam um novo público a destinarem suas versões dos contos tradicionais. O autor francês Charles Perrault foi um dos grandes contribuintes da literatura infanto-juvenil, chegando a reunir diversas histórias em coletâneas, com edições direcionadas especialmente ao “povo do campo”. No capítulo seguinte, será feito um estudo sobre este escritor e sua obra, como parte introdutória para o estudo de um de seus contos.

Mais do que histórias infantis, os contos de fadas conseguiram manter presença na literatura popular, transcendendo gerações com suas narrativas encantadoras. Mesmo após o surgimento de novas correntes estéticas e o enorme valor atribuído aos diferentes gêneros literários que marcaram épocas, com destaque para, dentro da literatura de Língua Inglesa, as peças teatrais de Shakespeare, os romances da era vitoriana, o gótico de Edgar Allan Poe e as distopias da literatura moderna, a permanência dos contos de fadas durante séculos é algo admirável. Ao olharmos para trás, notamos como as histórias são moldadas para se encaixarem ao contexto no qual se fazem presentes. Se antes o intuito dos contos era buscar uma forma de escape da realidade e transmitir valores através da comunicação oral, hoje, podemos enxergar as histórias fantásticas como uma forma de entretenimento.

Responsável por criar um universo mágico e inesquecível, Walt Disney popularizou os contos de fadas, dando vida a personagens queridos em animações revolucionárias para época. O famoso criador do Mickey Mouse fundou seu império a partir de histórias de domínio público para o direito autoral, ou seja, “aquelas em que o conjunto de bens que não mais têm seus aspectos patrimoniais, nem parte dos morais, submetidos ao monopólio legal [...] de modo que fica livre a qualquer pessoa fazer uso da respectiva obra, independentemente de autorização” (BRANCO, 2011, p.55), e mostrou ao mundo o potencial presente nessas tramas.

O primeiro conto adaptado pela companhia foi “A Branca de Neve”, em 1937, que recebeu o título de “A Branca de Neve e os Sete Anões”. Marcado pelo famoso embate entre a jovem princesa Branca de Neve e sua madrasta, a Rainha Má, o filme destaca os já citados personagens, além de eternizar figuras como o Espelho da Rainha, o Caçador, o Príncipe Encantado e os adoráveis Sete Anões, que receberam nomes exclusivos para a adaptação americana. Instantaneamente, a produção se tornou um sucesso, e, atualmente, é considerada um clássico do cinema. O filme rendeu uma indicação ao Oscar por Melhor Trilha Sonora Original, na edição de 1938, e, no ano seguinte, o Walt Disney recebeu uma estatueta honorária pela significativa contribuição da animação ao entretenimento. O prêmio

acompanhou mais sete miniaturas da famosa estatueta do Oscar, representando os anões³. Consequentemente, novas adaptações foram produzidas, marcando uma geração com as narrativas inesquecíveis da Gata-Borracheira, de “Cinderela” (1950) e Aurora, de “A Bela Adormecida” (1959).

Os exemplos citados acima mostram a marcante influência dos contos de fada para as artes e para as diversas formas de entretenimento que encontramos ao longo dos anos. É quase impossível não nos depararmos com algum personagem das histórias infantis em livros, jogos, TV e no cinema, visto que produtores enxergam nessas histórias a possibilidade de criar adaptações. Como exemplos, é possível citar o seriado de TV “Once Upon A Time” (2011-2018) e a série de filmes de animação “Shrek”(2001; 2004; 2007; 2010), que compartilham narrativas semelhantes e colocam, em um mesmo universo, personagens de diversos contos de fada.

Além disso, a Disney continua a perpetuar as histórias já conhecidas pelo público, agora, por meio dos *live-actions*. Em 2015, a empresa lançou mais uma versão de “Cinderela”, adaptação homônima com direção de Kenneth Branagh, que seguiu a narrativa do autor Charles Perrault. No filme, acompanhamos a vida da Ella, uma bela jovem, órfã de pai e mãe, que sonha em encontrar um grande amor, mas para isso precisará enfrentar as constantes humilhações da sua madrasta e a inveja de suas meias-irmãs. Sucesso de público e também de crítica, a adaptação abriu portas para grandes produções da Disney, que levaram milhares de pessoas aos cinemas. Entre os filmes que mais arrecadaram em bilheteria mundial em 2017 está o *live-action* de “A Bela e A Fera”, dirigido por Bill Condon, com o incrível número de 1,263,521,126 de dólares⁴.

É perceptível, então, o quanto as pessoas ainda se interessam pelas narrativas dos contos de fadas e o quão mágico é apreciar essas histórias, carregadas de nostalgia para aqueles que cresceram ouvindo-as, ou lendo-as. E mais do que isso, mantemos viva a ideia de renovação de uma tradição milenar, iniciada por meio da comunicação oral e disseminada através da literatura.

³*SNOW White and the Seven Dwarfs's Awards*. **IMDb**, c2020. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0029583/awards?ref=tt_awd>. Acesso em: 03 abr. 2020.

⁴*BEAUTYandtheBeast's Box Office*. **IMDb**, c2020. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt2771200/?ref=nv_sr_srg_0>. Acesso em: 03 abr. 2020.

3 CHARLES PERRAULT E SUA INFLUÊNCIA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Se durante o século XX, Walt Disney foi responsável por trazer uma nova perspectiva para os contos de fadas, no século XVII, Charles Perrault reuniu o melhor da tradição oral em coletâneas escritas, e entregou versões mais descritivas e com um conteúdo poético, marcando o início de uma nova era para os contos de fadas.

Filho de um casal da alta burguesia, o Parisiense, aos 23 anos de idade, trabalhava como assessor de coletor de finanças da corte, trabalho este que possibilitou a Perrault a presença em salões literários, frequentados por escritores e aristocratas. Logo, o jovem construiu importantes relações sociais, conquistando, em seguida, um cargo na assessoria do ministro Colbert, na corte de Luís XIV, o famoso Rei Sol. Como assessor, permaneceu nos aposentos do Palácio de Versailles por vinte anos, ganhando prestígio e admiração, e, posteriormente, pôde ingressar na Academia Francesa, aos 43 anos.

Ao lado de outros literatos, Charles Perrault participou de uma longa disputa intelectual, conhecida como *Querela dos Antigos e Modernos* (1688-1697). Nessa disputa, dividida entre dois grupos, os Antigos, que acreditavam em uma superioridade da antiguidade greco-romana sobre toda e qualquer produção francesa; e os Modernos, defensores da independência das obras dos autores franceses em sua língua materna, Perrault fez parte desse último. Para provar os princípios defendidos pelo seu grupo, o escritor buscou nas raízes francesas histórias com um alto valor cultural e acabou encontrando os contos de fadas, na época, conhecidos apenas na boca do povo.

Então, em 1697, Perrault lançava ao mundo sua primeira coletânea de contos, intitulada *Histórias ou contos de tempo passado com moralidades*, que ficou conhecido como *Contos da mamãe gansa*. O título da obra sugere a origem popular dessas narrativas, visto que, “a mamãe gansa era um personagem do folclore francês, cuja função era contar histórias aos seus filhotes maravilhados” (ROCHA, 2010, p.8). Dentre as narrativas tradicionais selecionadas para compor a obra, estão as já conhecidas “Cinderela”, “A Bela Adormecida no Bosque”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Barba Azul” e “O Gato de Botas”, apresentadas em versões mais leves e sofisticadas, cujas passagens com cenas de violência, conteúdo sexual e assassinatos foram retiradas.

Um diferencial presente nas versões de Charles Perrault, a moral destacada no final de cada conto, marca a preocupação do autor em trazer um conteúdo pedagógico à sua obra. Pai de quatro filhos, entre eles uma menina, o autor “admitia o caráter utilitário do livro (*Contos*

da mamãe gansa) na pregação da moral cristã e dos bons costumes” (ALMEIDA, 2012, p.7). É importante ressaltar aqui que a crescente valorização da educação infantil, promovida através de grupos religiosos, e como já citado no primeiro capítulo deste trabalho, recebia apoio das famílias, estruturadas diante de um novo sistema econômico: o capitalista. Os valores a serem buscados por essa nova sociedade se estendiam entre a honestidade, a perseverança e a prudência. No conto “As Fadas”, Charles Perrault acentua o quão valioso os gestos de bondade são para uma jovem moça, que, após um ato de gentileza para com uma fada disfarçada de pobre mulher, recebe o dom de ganhar flores e joias saídas de sua boca a cada palavra dita, e os destaca em uma moral formada por versos, mais um traço característico do autor: “Diamantes e moedas reluzentes possuem poder bem forte sobre as mentes. Palavras boas e suave encanto têm mais valor e força, entretanto.”⁵

Essa moral se aplica a todos aqueles que fazem uso da gentileza sem fazer distinções específicas, ou como o ditado popular afirma: fazer o bem, sem olhar a quem. Possuímos a noção de que a convivência com outras pessoas exige certa conduta, além de um comportamento regado de regras que respeitem o espaço individual, e em grupo, de todos aqueles a sua volta. Na escola, por exemplo, é dever do aluno seguir as normas de conduta exigidas por aquele ambiente, como respeitar colegas e professores, ser pontual e cumprir com as atividades. Com o conceito de moralidade ocorre algo parecido, pois o sujeito moral pode ser definido como “aquele que age bem ou mal na medida em que acata ou transgide as regras morais admitidas em determinada época ou por um grupo de pessoas” (ARANHA, 2009, p.214). Acabamos, por conseguinte, utilizando esse comportamento moral de forma obrigatória devido ao fato de este ser consciente, livre e responsável, ou seja, cabe a nós escolhermos quais normas seguir, sendo nossa obrigação, após acarretá-las, cumprir com o que é pedido:

O comportamento moral também varia de acordo com o tempo e o lugar, conforme as exigências das condições nas quais as pessoas organizam-se ao estabelecerem as formas de relacionamentos e as práticas de trabalho. [...] Mas a natureza da obrigatoriedade moral não está na exterioridade: é moral justamente porque o próprio sujeito impõe-se ao cumprimento da norma. (ARANHA, 2009, p. 215-216)

Fazendo, então, um paralelo às morais transmitidas por Charles Perrault em seus contos, cabia, por fim, ao leitor a escolha entre seguir ou não tais ensinamentos. Os pais que liam essas histórias possuíam o livre arbítrio de explicar aos seus filhos o porquê de alguns

⁵ Diamonds and gold coins may
Work some wonders in their way;
But a gentle word is worth
More than all the gems on earth

personagens não receberem um final feliz, tomando por base a moral escolhida para cada conto. Para as crianças, jovens leitores (as), as morais seriam vistas como um conselho dado pelos mais velhos, que possuem uma significativa experiência de vida. Hoje, podemos enxergá-las como um complemento poético às histórias repletas de significados e valores, interpretados individualmente, mas importantes para todos aqueles que os assumem.

Mais do que curtas histórias, Charles Perrault mostrou para a tradição oral francesa o enorme valor existente em cada “era uma vez” transmitido às gerações passadas. Assim, provou que era possível trazer algo de qualidade para a literatura nacional da França, derrubando os argumentos daqueles que defendiam a superioridade da antiguidade greco-romana. O escritor também popularizou, através de sua coletânea de contos, o que posteriormente ficou conhecido como contos de fadas. Isso lhe rendeu o título de pai da literatura infanto-juvenil, apesar de, no início, suas versões não serem direcionadas aos mais novos. Dessa forma, sua escrita ganhou o coração de um público que sempre precisou ter uma atenção diferenciada. As crianças, sejam aquelas do campo ou da cidade, puderam crescer com os ensinamentos morais dessas narrativas, que, de início, não aparentavam possuir muito valor; porém, o cuidado tomado por Perrault em entregar algo encantador, mágico e inesquecível possibilitou aos contos um “contrato vitalício” com a literatura, que está em constante renovação.

4 AS ORIGENS DE “CHAPEUZINHO VERMELHO”

Ao citarmos a trajetória de Charles Perrault na literatura infanto-juvenil, destacamos uma de suas versões mais conhecidas entre os contos de fadas históricos. *Le Petit Chaperon Rouge*, ou simplesmente “Chapeuzinho Vermelho”, recebeu enorme destaque devido a sua narrativa simples, porém, de grande impacto, apresentando ao leitor e ouvinte a vulnerabilidade de uma criança diante de um mundo repleto de inseguranças.

Na história, a menina conhecida apenas por Chapeuzinho Vermelho, nome que faz referência à cor do capuz de cor utilizado pela protagonista, recebe uma ordem da mãe, que consiste em levar um bolo e manteiga para a avó enferma, residente na primeira casa da vila mais próxima. No caminho, um Lobo observa a garota caminhando sozinha na floresta e em um primeiro momento pensa em feri-la; mas observa a presença de pessoas ali próximo e desiste. Então, a criatura decide abordar Chapeuzinho Vermelho, questionando para onde ela está se dirigindo. Inocente, a menina responde que está indo para a casa da avó entregar um bolo e manteiga, e, além disso, informa o local. O lobo, ao receber as informações, desafia a garota a chegar primeiro do que ele à casa da avó, a influenciando a pegar o caminho mais distante. Enquanto Chapeuzinho Vermelho se distraía com flores e borboletas, o lobo chega ao destino, e, fingindo ser a neta da senhorinha, entra na casa e a devora. Em seguida, a fera veste as roupas de dormir da falecida avó e aguarda a chegada da garota de capuz vermelho. Quando Chapeuzinho Vermelho finalmente chega ao seu destino, o lobo pede para ela entrar na casa e a convida para deitar-se com ele. Sem perceber que não se tratava de sua avó, a menina deita ao lado da criatura, e aos poucos nota uma aparência estranha naquela que deveria ser sua parente. Ao realizar uma série de perguntas sobre os braços, as pernas, o nariz e os olhos enormes da avó, a garota pergunta o porquê da enorme boca, e em um piscar de olhos, o lobo a devora.

Com um desfecho nada convencional para as narrativas dos contos de fadas, a versão de Charles Perrault surpreende pelo seu teor sombrio e chocante. Certamente, a maioria das pessoas conhece a versão mais popular desse conto, de autoria dos alemães conhecidos como Irmãos Grimm. Nela, um caçador surge quase que magicamente na casa da avó e age em retirar do estômago do animal a senhorinha e a garota recém devorada:

(...) o caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: ‘Olha só como velhinha ronca! Estará passando mal!? Vou dar uma espiada’. (...) ‘Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa ajudar!’. Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido. Na

primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho, na segunda, uma cabecinha loura, na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora. (GRIMM, 1997, p. 35)

Como nos contos de fadas tudo é possível, essa versão presenteia o leitor com um final feliz para a protagonista, além de entregar um herói na figura de um caçador e a aguardada derrota do vilão, o Lobo, frustrada na versão de Charles Perrault. É possível perceber, então, porque a narrativa empregada pelos Irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), publicada em 1812, se tornou mais popular do que a citada neste trabalho. De acordo com Pessolato e Bronzatto (2014), o diferencial nas narrativas dos irmãos Grimm se encontra no aumento das descrições e na substituição da fala do narrador pela fala dos personagens, tornando, assim, os contos mais uniformes, coerentes e cativantes. Outra explicação para o sucesso da versão dos Irmãos Grimm ocorreu devido a época na qual o conto foi publicado, no auge do Romantismo, durante o século XIX. Essa corrente estética, segundo Cordeiro e Santos (2019), trouxe ao mundo um caráter mais sentimentalista e humanitário, destacando o maravilhoso da vida, o que fez a nova versão de “Chapeuzinho Vermelho” agradar o público infantil e também o público adulto.

Além disso, o fato de os leitores dos contos de fadas sempre aguardarem um final feliz para as narrativas pode ser explicado devido à necessidade de superação de uma ansiedade em relação à história. De acordo com Bruno Bettelheim (1980), em sua obra *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, o leitor, ao criar uma relação interpessoal com a narrativa, acaba escapando da ansiedade de separação que o persegue e que reflete nos cenários de diversos contos de fadas, nos quais sempre é resolvida no final. Em “Chapeuzinho Vermelho”, de Charles Perrault, essa ansiedade em relação à salvação da protagonista das garras do Lobo não possui uma solução, ocasionando, assim, um sentimento de perda, e, posteriormente, a frustração por não conseguir um final em que todos os personagens viveram felizes para sempre.

No entanto, Robert Darnton (1986 *apud* MICHELLI, 2019, p. 43) defende a ideia de um final infeliz para os contos de fadas, pois, a narrativa só irá se tornar comovente devido ao uso da desgraça, muitas vezes incompreensível e inexorável. Imagine, então, o quão perplexo ficará o leitor, ou o ouvinte, ao se deparar com a história de “Chapeuzinho Vermelho” escrita por Charles Perrault e descobrir que não existe nenhum caçador para salvar a protagonista e, que, além disso, o Lobo se sai como vencedor na história.

A partir da tradição oral francesa, Perrault coletou as informações necessárias para escrever a sua versão de “Chapeuzinho Vermelho”, lançada na coletânea *Histórias ou Contos dos Tempos Passados, com Moralidades*, em francês *-Histoires ou contes dutemps passé,*

avec des moralités: Contes de ma Mère L'Oye, de 1697. Porém, o tema presente em “Chapeuzinho Vermelho” pode ter inspiração no mito grego de Cronos, como afirma Nelly Novaes Coelho (2003, p. 97), o deus do tempo que, ao temer ser destronado por seus filhos, os devora logo após o nascimento deles. Existe ainda uma história latina intitulada *Fecunda ratis*, de Egberto de Lièges (1023), onde, de acordo com Bettelheim (1980, p.204-205), uma menina com uma manta vermelha é descoberta na companhia de lobos.

Mesmo pertencendo a Charles Perrault a primeira versão escrita de “Chapeuzinho Vermelho” da qual se tem conhecimento, são mencionadas por Maria Rita Kehl (2002, p. 469 *apud* MICHELLI, 2019, p. 40) outras versões francesas do conto. Em uma delas, Capinha Vermelha come a carne da avó e bebe seu sangue. Essa versão está presente em *Les contes merveilleux de Perrault ET La tradition populaire*, de Bulletin Folklorique de l'Île-de-France (1951, p.221-222), contada por Louis e François Briffaulten Nièvre(1885), e segundo Michelli (2019, p. 40), esta história pode ser encontrada na íntegra em *Contos de fadas* (2004, p.334-335), com o título “A História da Avó” (anônimo), e em *O grande massacre de gatos*, do historiador Robert Darnton (1986, p.21-22).

Assim como a maioria dos contos de fadas, a origem exata de “Chapeuzinho Vermelho” é incerta e demanda um estudo aprofundado. No entanto, nota-se que o caráter admonitório é um dos temas recorrentes nas versões existentes desse conto. Como já citado, Charles Perrault buscava, a partir da sua versão de “Chapeuzinho Vermelho”, alertar sobre os perigos que estranhos poderiam oferecer às jovens moças. O autor explica em um prefácio da terceira escritura do conto “Pele de Asno” que sua intenção não é se divertir com temas delicados, aos quais ele se refere como “bagatelas”, mas advertir, com o auxílio da moral presente no final da narrativa, de uma maneira mais instrutiva:

Houve pessoas capazes de perceber que essas bagatelas não são simples bagatelas, mas guardam uma moral útil, e que a forma de narração não foi escolhida senão para fazer entrar essa moral de maneira mais agradável no espírito, e de um modo instrutivo e divertido ao mesmo tempo. Isso me basta para não temer ser acusado de me divertir com coisas frívolas. (PERRAULT, *apud* COELHO, 2003, p.77)

A presença dessa advertência em narrativas como a de “Chapeuzinho Vermelho” pode ter-se originado na Idade Média, quando, segundo Tatar (2004), as pessoas buscavam alertar as crianças sobre os perigos presentes em florestas aos quais estavam expostas:

Pensava-se que os animais selvagens, os homens sinistros e a figura híbrida do lobisomem representavam uma ameaça poderosa e imediata à segurança das crianças. Na Alemanha do século XVII, pouco depois da Guerra dos Trinta anos, o medo dos lobos e a histeria com relação a lobisomens alcançaram níveis particularmente elevados. O lobo, com sua natureza predatória, é frequentemente visto como uma metáfora de homens sexualmente sedutores. (TATAR, 2004, p.31)

A partir disso, fica óbvio para o leitor perceber a presença de símbolos em “Chapeuzinho Vermelho” que buscavam representar figuras exteriores ao mundo do qual ele faz parte. Entre esses símbolos, podemos destacar o capuz vermelho utilizado pela protagonista, o caminho da floresta, no qual a personagem concordou em seguir, e, o de maior destaque, a figura do Lobo. Ao analisarmos esses elementos, será possível perceber a riqueza de significados por trás da versão de Charles Perrault, que procurou alertar aos seus leitores, em especial as crianças de sexo feminino, sobre os perigos da época. Infelizmente, esses perigos ainda permeiam os dias de hoje e serão analisados nos próximos capítulos deste trabalho.

5 ALÉM DO CONTO: SIMBOLOGIAS EM “CHAPEUZINHO VERMELHO”

Ao buscarmos por símbolos, estamos procurando, à primeira vista, figuras que possam estar relacionadas a um estado, sentimento, ou até mesmo, a algo concreto, como um objeto do nosso cotidiano. O autor Carl Gustav Jung (1984) define que o símbolo possui duas funções, sendo elas a de satisfazer algo que foi frustrado, e a atribuição de uma personificação do material arquetípico. Com isso, o símbolo empenha-se em elucidar, a partir de uma analogia, aquilo que ainda é desconhecido ou algo que ainda está para ocorrer. Nos contos de fadas, Bettelheim (1980) afirma que os símbolos são utilizados para que o leitor, em especial a criança, possa selecionar, negligenciar e interpretar o conto de acordo com seu estado de desenvolvimento intelectual e psicológico, o que permite uma forma de transgressão do conto:

Uma vez que detalhar o que estes assuntos implicam assolaria e confundiria a criança, o conto de fadas usa símbolos universais que permitem à criança escolher, selecionar, negligenciar e interpretar o conto de formas congruentes ao seu estado de desenvolvimento intelectual e psicológico. Qualquer que seja este estado, o conto de fadas determina a forma como a criança pode transcendê-lo, e o que pode estar envolvido na conquista do próximo estágio no seu progresso para a integração madura. (BETTELHEIM, 1980, p.142-143)

Em “Chapeuzinho Vermelho”, os nomes próprios dos personagens não são citados. Esse fato não é exclusividade do conto, visto que muitos dos contos de fadas apresentam personagens com nomes que descrevem suas características físicas e morais, como a Rainha Má, de “A Branca de Neve”, e a bruxa, de “João e Maria”. Além disso, muitos personagens representam apenas figuras da sociedade, como os príncipes encantados, sem nomes próprios, de “Cinderela” e “Rapunzel”. Isso ocorre devido à necessidade de representar diversas pessoas em apenas um personagem, pois, “mesmo quando o herói recebe um nome, como nas histórias de João, em ‘João e Maria’, o uso de nomes bem comuns os torna genéricos, valendo para qualquer menino ou menina” (BETTELHEIM, 1980, p. 41). Sendo assim, na versão de Perrault, Chapeuzinho Vermelho não possui nome próprio porque buscava representar todas as meninas, não só aquelas que usavam o capuz, comum na sociedade francesa da época em que o conto surgiu.

5.1 O vermelho do capuz

A escolha dessa cor pode ter sido apenas uma coincidência, mas, assim como o fogo, a raiva e o amor estão relacionados ao vermelho, o acessório em questão nos revela muito mais sobre a protagonista do conto de Perrault do que imaginamos. Para Erich Fromm (1980, p.

175 *apud* MICHELLI, 2019, p. 41), o capuz vermelho possui relação com o ciclo menstrual da personagem, revelando, assim, que a garota se encontra na fase da puberdade. Em 80% das meninas, Ana Aguiar e Calhaz Jorge (2011, p. 231) afirmam que a puberdade se inicia com o surgimento do tecido mamário palpável subareolar, já no restante, com o aparecimento de pelos púbicos. Enquanto que a menarca, o primeiro ciclo menstrual de uma jovem, ocorre, em média, entre 2 a 5 anos após o início da puberdade, com ciclos menstruais geralmente irregulares. Essa interpretação entrega indícios de que a personagem já está na sua adolescência e em meio a diversas descobertas.

Dentre outros significados, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009) explicam em o *Dicionário de símbolos* que o vermelho está associado à imagem de beleza, saúde e riqueza. Em países como China e Rússia, a cor vermelha representa as festividades populares, casamentos e nascimentos. Já na Irlanda, é comum entre os celtas afirmar que uma menina ou menino é vermelho para dizer que é bonito. No Japão, o vermelho é um símbolo de felicidade, além de ser utilizado quase exclusivamente pelas mulheres. E enquanto o vermelho claro transparece luz, o vermelho escuro é noturno, encoraja, seduz e provoca. Utilizado em placas de sinalização, com o sentido de alertar e proibir, o vermelho em sua cor púrpura possui ainda um sentido fúnebre, pois, “escondido, representa vida, e espalhado representa a morte” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 944). Por fim, o vermelho também está associado à juventude.

Sendo assim, a presença da cor vermelha em “Chapeuzinho Vermelho” não é aleatória. O capuz vermelho busca representar a beleza de Chapeuzinho, dotada de saúde, felicidade e no esplendor da sua juventude. Em uma interpretação mais ampla, o acessório vermelho utilizado pela personagem é capaz de chamar a atenção do Lobo, seduzindo-o e, ao mesmo tempo, mantendo a criatura em alerta. Porém, o mesmo vermelho que representa a juventude de Chapeuzinho acaba servindo como uma prolepse do desfecho fúnebre presente na narrativa. O jovem, por muitas vezes, é um ser curioso, e, ao se deparar com as oportunidades oferecidas pelo mundo, não irá medir esforços para experimentar novas sensações e realizar desejos. Infelizmente, nem todos estão preparados para lidar com as responsabilidades advindas dos caminhos tomados, e com Chapeuzinho, o caminho escolhido não possuía volta.

5.2 Nos caminhos da floresta

Na maioria das versões de “Chapeuzinho Vermelho”, o caminho da floresta é um dos elementos de maior destaque, visto que a protagonista precisa atravessar um caminho até chegar à casa da sua avó. Caminhos como esse também podem ser encontrados em diversos contos de fadas. No conto “João e Maria”, os personagens que dão título à narrativa seguem caminhos adentro da floresta até encontrarem uma casa feita de doces, que esconde uma bruxa faminta por crianças. Já em “A Branca de Neve”, a princesa é largada em meio a uma floresta escura e acaba se perdendo, mas, por fim, encontra uma casa habitada por sete anões onde pode se proteger. Nota-se que nos contos citados, a floresta representa insegurança e medo aos personagens, que, estando perdidos, buscam caminhos que os levem a encontrar locais aparentemente seguros. Para Michelli (2019, p. 46), a floresta representa um espaço aberto não estruturado pelo homem, que possibilita o desafio e aventura de sair de si mesmo.

A floresta também é sinônimo de tranquilidade e paz, pois, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009), em muitas regiões, como Japão e China, existe a presença de templos em meio a florestas, consideradas como santuários. Além disso, os autores destacam a presença de uma floresta devoradora na literatura hispano-americana, na qual, para os poetas mais sensíveis, esse tipo de floresta envolve ambientes misteriosos, que acabam gerando contrastes como angústia e serenidade, opressão e simpatia. No mais, “para o psicanalista moderno, por sua obscuridade e seu enraizamento profundo, a floresta simboliza o inconsciente.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 439).

No *Dicionário de Signos*, Feber (2007, p.91) afirma que, na literatura, florestas costumam ser locais de perigo e dificuldades, e são tradicionalmente escuras, repletas de labirintos e feras perigosas.⁶ O autor ressalta ainda a ideia de que estar “perdido na floresta” ou “não estar fora de perigo” são sinônimos e significam a perda do caminho, alegoricamente visto como o ato de cometer um erro ou pecado. Alegoria⁷ parecida pode ser encontrada na canção *Out of the woods*, onde a cantora e compositora Taylor Swift traz uma metáfora⁸ ao relacionar os perigos da floresta aos problemas enfrentados por um casal diante uma crise no relacionamento. Ao questionar se “nós já estamos fora de perigo⁹”, Swift busca representar a

⁶ *Forests used to be places of danger to a degree difficult to appreciate today [...] Forests are traditionally dark, labyrinthine, and filled with dangerous beasts.* (FERBER, 2007, p. 91)

⁷ *A story or visual image with a second distinct meaning partially hidden behind its literal or visible meaning. The principal technique of allegory is personification, whereby abstract qualities are given human shape—as in public statues of Liberty or Justice.* (BALDICK, 2001, p.5)

⁸ *The most important and widespread figure of speech, in which one thing, idea, or action is referred to by a word or expression normally denoting another thing, idea, or action, so as to suggest some common quality shared by the two.* (BALDICK, 2001, p.153)

⁹ *Are we out of the woods yet? Are we out of the woods yet?*

ideia de que o casal tentou esquecer os erros cometidos durante o relacionamento, e que agora poderão seguir em frente na relação.

Trazendo a alegoria do “estar fora de perigo” defendido por Feber (2007) para o conto “Chapeuzinho Vermelho”, a personagem principal, mesmo não estando perdida na floresta, como os protagonistas de “João e Maria” e “A Branca de Neve”, acaba definindo seu destino quando resolve responder ao Lobo, entregando-lhe informações sobre o local da moradia de sua avó. A partir disso, o caminho da floresta passa a representar a última travessia de Chapeuzinho Vermelho, que caminha diretamente para a sua morte nas garras do Lobo.

Na versão em análise nesta pesquisa, o caminho não possui volta, e assim como ocorre com o tempo, a personagem principal não pode voltar ao passado e refazer seu trajeto. Infelizmente, Chapeuzinho Vermelho possuía apenas um caminho a seguir, arriscando-se, mesmo não fazendo ideia disso, para entregar uma cesta de alimentos na casa de seu parente. Ao supormos que a menina ignorasse o Lobo, ou até mesmo se ele não surgisse diante de seu caminho, outros perigos, possivelmente, estariam à espera de Chapeuzinho Vermelho.

5.3 As faces do lobo

Conhecido por sua ferocidade e destreza, o lobo é um dos animais mais bem representados na literatura. Na Bíblia, podemos encontrar citações ao animal no capítulo 7, versículo 15, do evangelho de Mateus, que traz o conhecido Sermão da Montanha, ao alertar sobre os falsos profetas: “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores”. Em *Dicionário dos Signos*, Feber (2007, p. 253) cita que o lobo é uma das três feras de batalha frequentemente citadas na Antiga Poesia Inglesa. A criatura também é companheiro do deus germânico Odin/ Wotan e do deus romano Marte. Existe, ainda, no mito Nórdico, a presença de um lobo gigante chamado Fenrir. A psicóloga junguiana Marie-Louise Von Franz associa a figura do lobo a aspectos negativos, como a morte, e positivos, como a tomada de consciência, ao destacar o aspecto mítico-simbólico que o animal possui:

O lobo também é um companheiro no campo de batalha, pois naqueles tempos, aonde quer que fosse, um exército era seguido pelos corvos no céu e pelos lobos nas florestas. Eles representavam a ameaça obscura da morte que acompanhava os exércitos no passado. Provavelmente devido a seu parentesco com o cão e a ligação deste ao homem, o lobo carrega não apenas a projeção de animal sombrio e ameaçador, mas também de uma incrível inteligência natural. Mais uma vez na mitologia grega, o lobo pertence a Apolo, o deus do sol, o princípio da consciência (1985, p.275).

Em países como a China e o Japão, Chevalier e Gheerbrant (2009) apontam que o lobo é associado a um guardião, um protetor, por representar a ideia de uma força mal contida, consumida com furor e sem discernimento. Os autores ainda destacam o aspecto infernal do animal, pois, na mitologia Greco-latina, a pele do lobo reveste a capa usada por Hades, o deus conhecido como Senhor dos Infernos; enquanto na mitologia egípcia, o lobo é a forma física do Impu, entidade venerada em Cinópolis como deus dos infernos. Esse lobo infernal acaba representando, por fim, “um obstáculo na estrada do peregrino mulçumano que se dirige a Meca, e mais ainda no caminho de Damasco, onde toma as dimensões da besta do Apocalipse” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 557).

Uma tarefa difícil seria encontrar um lobo bondoso na literatura. Na história “Os Três Porquinhos”, o Lobo Mau tenta invadir a casa de um dos porquinhos para devorá-los, mas acaba contraindo queimaduras após entrar pela chaminé e cair em um caldeirão de água fervendo. Já na fábula “O Lobo e os Sete Cabritinhos”, de autoria dos Irmãos Grimm, o animal se disfarça para conseguir devorar os filhotes de cabra, mas acaba no fundo de um rio depois que a mãe dos cabritinhos, com a ajuda do caçula, salva os filhos e enche de pedras o saco que o lobo carregava.

Com narrativas semelhantes ao conto “Chapeuzinho Vermelho”, as histórias citadas anteriormente possuem o que a versão de Perrault não entregou: a derrota do Lobo. Esse fato torna o personagem uma figura de destaque na história, pois, além de servir como um obstáculo no caminho de Chapeuzinho Vermelho, o Lobo exerce um teor de ameaça e maldade. Ao fazer com que a jovem cite o local exato da casa da sua avó, a Criatura consegue chegar primeiro na residência por meio de um atalho, e, logo depois, devorar as duas personagens, resultado da sua farsa, referência clara ao falso profeta citado na Bíblia. O animal finge, em primeiro lugar, ser a neta da senhora enferma e, logo depois, a própria avó de Chapeuzinho Vermelho.

Como já citado, Charles Perrault buscou representar a partir do Lobo os desconhecidos que traziam insegurança às moças da sociedade francesa da época em que escreveu a sua versão do conto. A advertência dada pelo autor possui mais de 400 anos, porém, ela permanece mais atual do que aparenta. No videoclipe da música *Tag, You're It*, a cantora e compositora Melanie Martinez traz a imagem do Lobo como um sorveteiro malicioso. Após a personagem *Cry Baby* receber como cortesia um sorvete, contendo substâncias que a faz cair no sono, o Lobo a sequestra. As cenas seguintes mostram a garota trancada em um quarto, onde o seu sequestrador a observa por meio de um monitor. Esse clipe fortalece a mensagem por trás da letra da canção, que possui como tema o assédio sexual, reforçado nos seguintes

versos: “Correndo através do estacionamento/ Ele me perseguiu e ele não parava”¹⁰, “Agarrou a minha mão, me empurrou/ Tirou as palavras da minha boca”¹¹. A canção ainda pode ser relacionada à pedofilia, visto que o título *Tag, You're It* faz uma referência à brincadeira infantil do “peguei, está com você”. Além disso, quando a intérprete diz “Ele está dizendo: Peguei, está com você”¹², são revelados indícios de que o “Lobo Sorveteiro”, apresentado no clipe, consegue se aproximar da jovem por meio dessa brincadeira e, também, do doce- o sorvete.

O clipe citado possui forte influência da história de “Chapeuzinho Vermelho”, contribuindo na observação de que a simbologia do conto pode estar diretamente ligada ao abuso sexual, objeto de estudo desta pesquisa. A cada leitura, notamos que a narrativa escrita por Charles Perrault buscava muito mais do que alertar aos jovens sobre os perigos da floresta. Ao nos depararmos com o final trágico da protagonista, damos-nos conta de que o problema não está na crueldade presente em uma história infantil. O verdadeiro problema está no motivo para que o conto, derivado da narrativa popular oral, ganhasse vida. Quantos casos de “lobos devorando meninas de capuzes vermelho” foram necessários para que surgisse a necessidade de criar um conto que pudesse alertar, de forma lúdica, a existência do abuso sexual nas sociedades da qual fazemos parte? A resposta é incerta, mas em uma noção geral, sabemos que os números de crianças e adolescentes abusadas sexualmente são inacreditáveis.

No próximo capítulo será discutido como o abuso sexual se faz presente em “Chapeuzinho Vermelho” e os elementos que possibilitaram enxergar essa problemática social no decorrer da narrativa de Charles Perrault.

¹⁰ *Running through the parking lot/ He chased me and he wouldn't stop*

¹¹ *Grabbed my hand, pushed me down/ Took the words right out my mouth*

¹² *He's saying, "tag, you're it/Tag, tag, you're it*

6 O QUE NÃO NOS CONTARAM: A PRESENÇA DO ABUSO SEXUAL NA NARRATIVA CLÁSSICA DE CHARLES PERRAULT

Em “Chapeuzinho Vermelho”, o primeiro indício de que algo perigoso poderá atingir a protagonista ocorre quando a garota resolve responder a um desconhecido: o Lobo. Ao ser questionada para onde estava se dirigindo, Chapeuzinho Vermelho, inocentemente, responde ao animal que está levando “pão de frutas e manteiga para a avó” (PERRAULT, 1998, p.88). O Lobo acaba sendo informado, também, sobre o local exato da residência da avó da menina, a primeira casa depois da floresta. Logo em seguida, ele afirma que gostaria de visitar a enferma, propondo a Chapeuzinho Vermelho o desafio de quem chegaria primeiro ao lar da senhora. E com isso, a garota da capa vermelha aceita a proposta, sem nem ao menos desconfiar das intenções do Lobo.

Ao chegar à casa da avó da jovem, o Lobo bate na porta e afina sua voz, se passando por Chapeuzinho Vermelho, para, assim, conseguir a permissão da senhora, que diz: “Entre, filhinha! A porta não está trancada!” (PERRAULT, 1998, p.89). Algo que chama atenção na frase da personagem é o fato de a porta da casa estar destrancada. Certamente, a avó aguardava pela chegada da neta. Mas é a negligência por parte dos adultos um ponto interessante a ser destacado, pois, caso a mãe acompanhasse sua filha, Chapeuzinho Vermelho, durante a viagem, provavelmente, o Lobo não abordaria as duas personagens, e, além disso, não conseguiria informações sobre o local da casa da avó.

Porém, os destinos das personagens femininas já estavam traçados a partir do momento em que o Lobo encontra com Chapeuzinho Vermelho. Mesmo que a porta estivesse trancada, ele conseguiria uma maneira para entrar na residência, e como ocorre na versão original, “Mais que depressa o mentiroso meteu a pata no trinco, saltou sobre a pobre velha e a devorou” (PERRAULT, 1998, p. 89).

A ação do Lobo em devorar a avó de Chapeuzinho Vermelho pode ser entendida, então, como um ato de violência. Considerado um tema sociológico recente, Filho (2001, p. 22) explica que o termo violência já era utilizado na Antiguidade, mas foi a partir do século XIX, em função dos movimentos sociais, das revoluções socialistas e dos levantes das massas que conturbaram o cotidiano daquela época, que as sociedades despertaram para a problematização da violência. Ao buscar uma definição para esse termo, Araújo (2002) cita a violência como uma violação do direito de liberdade, onde formas de opressão, maus-tratos e agressão contribuem para o sofrimento de uma pessoa, tanto físico como psicologicamente.

Ressaltamos, também, a análise de Michaud (1989) sobre violência, que acrescenta os variáveis danos causados por quem pratica esse ato:

(...) há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989, p.10 *apud* NEVES *et al.*, 2010, p. 100).

Logo, a primeira vítima de violência apresentada na narrativa de “Chapeuzinho Vermelho” é a avó da protagonista. A personagem é descrita no conto como uma senhora enferma, o que nos ajuda a imaginá-la como uma pessoa indefesa, incapaz de conseguir escapar das garras do Lobo, que a engana e usa da força física para devorá-la. Mas, além de uma vítima, a avó de Chapeuzinho Vermelho representa as figuras femininas que sofrem algum tipo de violência em nossa sociedade.

De acordo com o Ministério da Saúde, a violência contra a mulher é referida de diversas formas desde a década de 50. Designada como violência intrafamiliar na metade do século XX, vinte anos depois passa a ser referida como violência contra a mulher. Nos anos 80, é denominada como violência doméstica e, na década de 90, os estudos passam a tratar essas relações de poder, em que a mulher em qualquer faixa etária é submetida e subjugada, como violência de gênero (BRASIL, 2011).

Atualmente, as mulheres ainda continuam sendo o alvo de situações inadmissíveis, e pelo simples fato de ser quem são. Na pesquisa de percepção da violência realizada em todo o país pela Fundação Perseu Abramo/SESC em 2010, de 2.365 mulheres entrevistadas, 14% consideram a violência contra a mulher a pior coisa que acontece pelo fato de serem mulheres. Além disso, 15% consideram que o combate à violência contra a mulher poderia tornar a vida de todas elas muito melhor (CAMPOS *et al.*, 2017, p.988). Essa desigualdade dos gêneros vem ocasionando diversas discussões importantes e resultando em questionamentos sobre as melhorias necessárias para um ambiente justo e igualitário entre os gêneros. Enquanto essas melhorias não chegam, somos obrigados a presenciar inúmeros casos de violência contra a mulher, assim como ocorre com a avó de Chapeuzinho Vermelho.

Dentre as formas de violência, é de relevância para esta pesquisa a violência sexual, que pode ser definida, de acordo com Souza e Adesse (2005), de maneira ampla e genérica. Ballone e Ortoloni (2003 *apud* SOUZA E ADESSE, 2005, p.20) caracterizam essa forma de violência como “um abuso de poder no qual a vítima (criança, adolescente e mulher) é usada para gratificação sexual do agressor sem seu consentimento, sendo induzida ou forçada a

práticas sexuais com ou sem violência física”. O uso de força, chantagem, suborno e ameaça, por exemplo, são algumas das formas encontradas pelos agressores ao praticar essa violência.

Por possuírem especificidades na relação agressor-vítima, algumas formas de violência sexual necessitam de denominações especiais (DREZETT, 2000 *apud* SOUZA E ADESSE, 2005, p.21). Assim, quando o agressor é um adulto e a vítima é uma criança ou adolescente, a forma de violência sexual passa a ser denominada abuso sexual infantil. A ocorrência desse tipo de abuso está diretamente interligada ao desenvolvimento de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder entre o adulto e a criança/adolescente (World Health Organization – WHO –, 1999, p. 7 *apud* NEVES *et al.*, 2010, p.101).

No Brasil, o Ministério da Saúde afirma que a violência sexual é compreendida como o ato ou jogo sexual, seja ele em uma relação heterossexual ou homossexual, no qual os agressores estão em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado do que a criança ou o adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente as vítimas ou utilizá-las para obtenção de satisfação sexual. As formas de violência sexual podem ser evidenciadas a partir do não contato físico (e.g., *voyeurismo*, exibicionismo, produção de fotos), até diferentes tipos de ações que “incluem contato físico com ou sem penetração, abrangendo, ainda, situações de exploração sexual visando o lucro, tais como a exploração sexual e a exposição à pornografia” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002 *apud* HOHENDORFF, PATIAS, 2017, p.241).

Dentre os tipos de abuso sexual, encontra-se o abuso sexual intrafamiliar, que consiste na violência praticada por pessoas com alguma relação consanguínea ou de convívio com a vítima. No segundo tópico presente neste capítulo, será discutido com mais detalhes a relação existente entre “Chapeuzinho Vermelho” e o abuso sexual intrafamiliar.

Apenas no final da década de 1990, a Organização Mundial da Saúde passou a reconhecer o abuso sexual contra crianças e adolescentes como um problema de saúde pública devido à sua prevalência, às suas consequências e aos gastos econômicos que acarretava. Em relação à violência sexual, “sua prevalência entre crianças e adolescentes era, naquela década, de 7% a 34% entre meninas e de 3% a 29% entre meninos” (OMS, 1999 *apud* VON HOHENDORFF *et al.*, 2015, p. 184).

O abuso sexual infantil é um assunto constantemente relacionado à área da saúde, porém, devido à fragilidade do tema, áreas como a do poder judiciário passam a tratá-lo com ainda mais seriedade. De acordo com Consuelo Biacchi Eloy (2010, p. 71), os profissionais do Direito buscam referenciais médicos, como sintomas físicos e psicológicos nas perícias médica e psicológica, mas nem sempre os encontram devido às variadas abordagens sexuais,

que em alguns casos não deixam vestígios e não se restringem à relação sexual. A autora também ressalta como as autoridades policiais e judiciárias lidam com a palavra da vítima:

Ancoradas nas ideias do senso comum as autoridades policiais e judiciárias necessitam reconhecer, nos casos de abuso sexual infantil, se a criança apresenta uma narrativa verossímil e coerente ou não, ou ainda, se foi induzida ou sugestionada por adultos, evitando com isso uma decisão equivocada. [...] De imediato a incerteza é depositada na palavra da criança, já que é o mais aceitável e familiar, principalmente quando a responsabilidade da tarefa profissional exige uma interpretação e uma posterior decisão aos olhos da sociedade (ELOY, 2010, p.72).

Por isso, levando em consideração os atos de violência cometidos pelo Lobo durante a narrativa de Charles Perrault, buscamos delinear, a seguir, como o abuso sexual ocorre em “Chapeuzinho Vermelho”. O diálogo entre as personagens principais é de suma importância para a análise em discussão, pois revela, de acordo com as interpretações propostas, as etapas que direcionaram a ocorrência dessa forma de violência sexual no conto.

Logo depois, será exposto como uma das formas de abuso sexual, o intrafamiliar, se faz presente na trama.

6.1 As etapas do abuso sexual em “Chapeuzinho Vermelho”

A partir da identificação de alguns padrões na ocorrência de abuso sexual, Hohendorff (2017) propôs um modelo integrativo conceitual desse tipo de violência contra crianças e adolescentes com base nas similaridades e complementaridades advindos de modelos propostos por outros autores, como Sgroi (1982), Summit (1983), Finkelhor e Browne (1985), Furniss (1991) e Spiegel (2003). Nesse modelo, o abuso sexual ocorre por meio de seis etapas: *preparação, episódios, silenciamento, narrativa, repressão e superação*. Com isso, ilustraremos a seguir como algumas dessas etapas ocorrem na narrativa de “Chapeuzinho Vermelho”, pontuando, por meio dos diálogos entre as personagens principais, a dinâmica do abuso sexual.

Ao finalmente chegar à casa de sua avó, Chapeuzinho Vermelho retira sua capa vermelha e se aproxima da cama, onde o Lobo lhe pede um beijo. A situação descrita revela as intenções do animal em relação à jovem: conseguir uma troca de intimidade e, também, de afeto. O Lobo consegue atingir tais objetivos graças à *etapa de preparação*, na qual o agressor busca estreitar laços com a criança/adolescente visando conquistar maior confiança e afeto. Comportamentos de gentileza, atenção e presentes, como, também, a criação de repetidas situações para que fiquem a sós, são algumas das estratégias utilizadas por esses agressores.

Assim, “quando percebem que a criança/adolescente confia e tem afeto por eles, os episódios de abuso sexual são iniciados” (HOHENDORFF e PATIAS, 2017, p. 243).

O beijo ocorre graças ao consentimento da garota, que acredita estar ao lado de sua verdadeira avó. Essa aceitação também acontece porque as vítimas, segundo Hohendorff e Patias (2017), muitas vezes não compreendem o caráter inadequado da dinâmica do abuso sexual; por isso, não oferecem resistência às interações. Com isso, o ato de Chapeuzinho Vermelho em beijar o Lobo é uma resposta ao plano bem sucedido do animal, que, a partir disso, entende que conquistou a confiança da jovem e agora pode continuar com interações mais sexualizadas, ocorrendo “uma espécie de dessensibilização da criança para as interações sexuais com contato físico” (HOHENDORFF e PATIAS, 2017, p.244).

Ao deitar-se na cama, Chapeuzinho Vermelho olha com mais atenção para a sua “avó” e exclama: “Que braços peludos, vovó!” (PERRAULT, 1998, p.89). Em seguida, o Lobo responde ao comentário da garota, afirmando que seus braços servirão para abraçá-la melhor. Ao desejar abraçar Chapeuzinho Vermelho, o antagonista pretende se aproximar da jovem para sentir o seu corpo e, assim, conhecer a fragilidade da personagem caso seja necessário a utilização do uso de força física para mantê-la ao seu lado. Esse ato pode ser relacionado aos casos de abuso sexual em que as vítimas são “agarradas” por seus agressores para obter a satisfação de desejos sexuais.

Por isso, o abraço desejado pelo Lobo não pode ser resumido em um simples ato de carinho. Um dos desejos do animal é agarrar a jovem para si, transformá-la em uma posse, para fazer valer a pena todo o seu esforço ante a situação em que se encontra, vestido com roupas femininas para manter a sua farsa, visto que ele está cada vez mais próximo de arrancar a inocência de sua vítima.

A insistência do Lobo é um dos destaques durante a narrativa. Ao encontrar Chapeuzinho Vermelho sozinha na floresta, não faltariam oportunidades para o antagonista fazê-la de refeição, pois, como o narrador afirma, o animal estava “movido pela fome” (PERRAULT, 1998, p.89). Mesmo assim, ele escolhe um atalho para chegar antes que a jovem à casa da senhora enferma, fazendo dela a sua primeira refeição. Ali, a fome do Lobo estaria saciada caso o seu objetivo não fosse conquistar Chapeuzinho Vermelho desde o início. Isso pode ser comprovado quando a garota se admira com as pernas compridas da suposta avó, ao que o Lobo a responde: “são para segui-la melhor, meu bem!” (PERRAULT, 1998, p.89).

A ideia de perseguição constata que o encontro entre o Lobo e a jovem do capuz vermelho não ocorreu por coincidência, mas, sim, porque o animal havia observado a rotina

da garota, até encontrar a oportunidade segura para abordá-la. O comportamento do antagonista assemelha-se ao de agressores que mantêm uma “Síndrome de adição”, que, segundo Hohendorff e Patias (2017), é um processo vivenciado da mesma forma por usuários de substâncias psicoativas:

Embora saibam dos prejuízos, os usuários não conseguem manter o autocontrole diante da substância e a consomem porque possuem dependência psicológica e física associada a ela. O mesmo processo ocorre com agressores sexuais. Sua “substância”, no entanto, é a vítima. Isso indica a necessidade de possível afastamento entre agressores e vítimas, uma vez que os agressores não conseguem controlar seu comportamento e, na presença de crianças, possivelmente cometerão o abuso sexual, mesmo que tentem não o fazer (HOHENDORFF E PATIAS, 2017, p.245).

Como consequência, a “Síndrome de adição” possibilita ao Lobo a ocorrência da segunda etapa da dinâmica do abuso sexual: *os episódios*. Por meio das contínuas interações com Chapeuzinho Vermelho, o animal ganha possibilidades que podem envolver ou não o contato físico com a jovem. No decorrer do diálogo entre as personagens, a jovem novamente se admira com a aparência da sua “avó”, desta vez com as enormes orelhas do Lobo.

A função dada aos órgãos do sentido da audição, de acordo como animal, é para ouvir melhor a sua “neta”. A protagonista logo associaria essa afirmação ao fato de sua suposta parente possuir dificuldades de audição devido à idade avançada. Por outro lado, a afirmação do Lobo pode ser associada a uma forma de ameaça, pois, o ato de “ouvir melhor” apenas ajudaria o animal a encontrar a sua vítima com mais facilidade em uma tentativa de fuga, caso toda a farsa fosse descoberta.

Nos casos reais de abuso sexual, as vítimas passam a receber ameaças quando se recusam a realizar os desejos de seus agressores durante a etapa dos *episódios*, ou quando finalmente percebem que estão sendo abusadas, ocasionando um silenciamento do ocorrido por receio e pela fragilidade da situação em que se encontram. A imagem do adulto como sinônimo de proteção se transforma em uma fonte de perturbação e ameaça, levando a vítima a sentir-se culpada. Por isso, “o silêncio pode estar associado ao sentimento de culpa, às ameaças feitas, ao vínculo estabelecido na relação, principalmente por parte da criança” (ROMARO; CAPITÃO, 2007, p. 180).

Quanto mais questionamentos são levantados por Chapeuzinho Vermelho sobre a aparência da sua “avó”, mais próximo o Lobo se encontra de devorá-la. Mas, antes disso, destacamos a resposta dele ante o questionamento feito pela jovem sobre o tamanho dos olhos do animal: “são para vê-la melhor” (PERRAULT, 1998, p.89).

Quando buscamos interpretar o que o Lobo realmente procura expressar com “enxergar melhor”, acreditamos ser o desejo nutrido por ele em ver Chapeuzinho Vermelho

sem roupa. A aproximação forjada ressalta a dificuldade que seria para o animal conseguir uma troca de intimidade com a jovem sem o uso da violência. Assim, ao fingir ser a avó de Chapeuzinho Vermelho, o Lobo pode utilizar da confiança depositada pela garota e pedir-lhe favores, que logo se transformariam em uma série de formas de abuso sexual, como deixá-la despida. Levando para nossa realidade o que a narrativa apresenta, podemos afirmar que alguns abusadores conseguem se satisfazer apenas observando suas vítimas em peças íntimas ou sem o uso delas. Nesse caso, a forma de abuso sexual pode ser classificada como *voyeurismo*.

Conhecido também como mixoscopia, escopofilia e inspeccionalismo, Schoore *et al.* (2017) descrevem o *voyeurismo* como uma satisfação sexual ao observar outras pessoas desnudas ou em atos sexuais; porém, sem o consentimento destes. Dentre outras definições, os autores apresentam aquelas propostas pela 5ª edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), divididas em dois critérios, sendo o primeiro o desejo de observar indivíduos despidos em atos manifestados por fantasias, impulsos ou comportamentos, enquanto no segundo é preciso existir a prática sem o consentimento de quem está sendo observado. No mais, em uma análise de um ato voyeurista, uma avaliação psiquiátrica abrangente e cuidadosa deve ser feita com a intenção de verificar suas motivações e possíveis comorbidades, pois:

A ocorrência de ato voyeurista de modo isolado e na vigência de uma intoxicação por álcool ou substância psicoativa, exclusivamente, não classifica *per se* um transtorno voyeurista. Da mesma forma, um ato voyeurista isolado pode estar relacionado a disfunções secundárias a uma doença cerebral orgânica, deficiência intelectual ou síndrome psicótica (SCHOOR *et al.*, 2017, p.40).

Por assim sendo, o ato voyeurista intencionado pelo Lobo pode ser associado às suas manifestações de comportamentos e fantasias para com a sua vítima. Em contrapartida, é equivocado afirmar que a personagem sofre apenas de algum transtorno voyeurista, pois esta não é a única forma de violação sexual demonstrada por ele durante a narrativa. Ante a situação construída pelo animal, observar Chapeuzinho Vermelho sem roupa seria apenas uma das variadas formas de abuso sexual de seu alcance. Em suma, o Lobo utiliza das diferentes abordagens citadas anteriormente para finalizar o seu objetivo principal: devorar a protagonista.

Nos últimos momentos da narrativa, a garota da capa vermelha faz um comentário a respeito dos dentes afiados da sua “avó”. A resposta do Lobo é direta e clara: “São para comê-la!” (PERRAULT, 1998, p.89). O narrador afirma que o antagonista devorou Chapeuzinho Vermelho de uma só bocada e, assim, o conto escrito por Charles Perrault chega ao fim. Essa

quebra de expectativa causada por um desfecho onde não há um “felizes para sempre”, comum em diversos contos de fadas, reforça o teor da mensagem que o autor busca informar em sua obra. Ao devorar Chapeuzinho Vermelho, o Lobo revela a sua verdadeira identidade, sendo esta a de um animal articulador, cruel e violento. Mas, além disso, o ato em si indica a última forma de abuso sexual sofrida pela jovem: o estupro.

Nos casos mais graves de abuso sexual, o estupro ocorre quando a vítima é forçada a ter uma relação sexual com o seu agressor. De acordo com a lei nº 12.015, de 2009, Art. 217-A, o estupro é classificado como “ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos ou com alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência.” (BRASIL, 2009). A prática é considerada crime e possui reclusão que varia de acordo com a gravidade da lesão, podendo resultar em pena de seis a trinta anos de prisão.

Uma pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2015), com base nos dados colhidos através do sistema de polícias estaduais, revelou que a cada 11 minutos uma mulher é vítima de estupro no país e que apenas 35% dos casos são reportados à polícia. Além disso, o estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2014) afirma que em 2013 houve um total de 527 mil vítimas de violência sexual, sendo as crianças e adolescentes 70% das vítimas. Sobre o perfil dos agressores, o estudo aponta que mais de 93% dos casos foram cometidos por pessoas do sexo masculino. Em 32,2% são amigos ou conhecidos da vítima e em 24,1% são pais ou padrastos. A figura do desconhecido só é notada na fase adulta da vítima (60,5%) (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2014).

Por mais que a narrativa de Perrault não tenha deixado explícito algum ato de conjunção carnal entre as personagens, tendo em vista o público ao qual o conto se destina, toda a metáfora presente na história nos remete às interpretações discutidas anteriormente. Da figura do Lobo, como um desconhecido perigoso, ao momento em que o animal devora a avó de Chapeuzinho Vermelho, como um ato de violência, o leitor deveria estar ciente de que o pior poderia acontecer com a protagonista. O que de fato ocorre, e, por isso, muitos podem acreditar que a ingenuidade da jovem foi o motivo de sua morte.

No entanto, como defendido neste capítulo, Chapeuzinho Vermelho sofreu uma série de abusos, e por mais ingênua que aparenta ser, a jovem jamais deverá assumir a culpa por um ato sobre o qual ela não possuía nenhum discernimento. Para Campos (2017), não existe uma ligação entre o comportamento feminino e a prática do estupro. A autora cita como embasamento as contribuições de Herman (1984): segundo pesquisas, em 82% dos casos o

estupro foi planejado; além disso, “a imagem da vítima sexualmente atraente e provocativa é irreal, pois o estupro é tanto cometido contra crianças de 6 meses como contra idosas de 93 anos” (HERMAN, 1984 *apud* CAMPOS *et al.*, 2017, p. 985).

Assim, por meio de todo o comportamento demonstrado pelo Lobo durante a narrativa, sendo este aguardar por alguém na floresta, abordá-la quando conveniente e usar da violência para suprir sua fome, acredita-se que seus atos foram, sim, planejados. Infelizmente, Chapeuzinho Vermelho enquadrou-se como a vítima perfeita aguardada pelo animal: desprotegida e fácil de manipular. E sem perder tempo, o Lobo também fez da avó da protagonista outra vítima, e posteriormente usou suas vestimentas para enganar a garota da capa vermelha, com o intuito de abusá-la sexualmente.

A seguir, será discutido como as vestimentas da avó de Chapeuzinho Vermelho, utilizadas pelo Lobo, possibilitaram enxergar um tipo de abuso sexual comum em nossa sociedade e as consequências advindas dessa violência praticada por aqueles que deveriam ser sinônimos de proteção e cuidado.

6.2 O Lobo travestido de avó e o abuso sexual intrafamiliar

As vestimentas dizem muito sobre a personalidade de quem as usa, e, em determinadas ocasiões, é obrigatório o uso de uma roupa adequada, que busque representar a posição do indivíduo diante dos demais. Mas, além disso, a roupa pode representar uma instituição, como os fardamentos; uma hierarquia, como as roupas utilizadas por reis e rainhas; e, até mesmo, culturas e religiões ao redor do mundo, como, por exemplo, a *Burqa*¹³, vestes femininas conhecidas pelos árabes como *hijab*, cuja função é cobrir a maior parte do corpo da mulher, variando de acordo com o país. Já em “Chapeuzinho Vermelho”, as roupas utilizadas pelo Lobo podem representar um ato específico: o abuso sexual intrafamiliar.

Infelizmente, a violência sexual contra crianças e adolescentes, de acordo com Vaz (2001 *apud* ROMARO; CAPITÃO, 2007, p. 157), ocorre, muitas vezes, no seio familiar ou em locais próximos, como vizinhança ou casa de parentes. Em um estudo realizado no Rio Grande do Sul, 80% dos casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes analisados foram intrafamiliares (HABIGZANG *et al.*, 2005 *apud* HOHENDORFF & PATIAS, 2017, p.243). Na maioria dos casos, a violência não é denunciada e há a omissão de parentes ou

¹³ Quais são os trajes típicos dos países islâmicos e o que representam? **Super Interessante**, 2001. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/quais-sao-os-trajes-tipicos-dos-paises-islamicos-e-o-que-representam/>>. Acesso em: 08 abr. 2021.

conhecidos quanto ao crime cometido. Desse modo, ocorre uma confusão em relação às imagens projetadas pelos pais, visto que “o pai deixa de desempenhar um papel protetor e representante da lei, associado à debilidade e omissão da mãe diante do ato” (GABEL, 1997 *apud* FLORENTINO, 2015, p.143). Além disso, a família deixa de ser sinônimo de proteção e passa a representar, para as vítimas, pessoas que causam desconforto e insegurança, pois:

Percebe-se que há uma inversão de papéis, nos quais a criança ou adolescente é colocada no lugar de parceiro pseudo-igual no relacionamento sexual e os papéis familiares passam a ser vivenciados de forma confusa, descaracterizando a família como o lugar de crescimento, confiança e apoio – o que acarretará enormes prejuízos ao desenvolvimento da criança ou adolescente (FURNISS, 1993; GABEL, 1997; ROMARO; CAPITÃO, 2007 *apud* FLORENTINO, 2015, p.143).

O abuso sexual intrafamiliar também é conhecido como incesto, e dentre as formas de relações incestuosas existentes encontram-se: pai-filha; irmão-irmã; mãe-filha; pai-filho; mãe-filho (SEABRA & NASCIMENTO, 1998 *apud* NEVES, 2010, p.101). No entanto, Neves (2010) cita que, uma relação incestuosa, também pode ser configurada através do abuso sexual perpetrado por avós, tios, padrastos, madrastas e primos. Em “Chapeuzinho Vermelho”, a avó da protagonista é a primeira vítima do Lobo, e o leitor mantém isso em mente devido ao fato de o animal usar as roupas da senhora para fingir ser a parenta da jovem e enganá-la, conquistando a sua confiança. A estratégia utilizada gerou formas de abuso sexual contra a garota do capuz vermelho, mas, também, traz indícios da existência do abuso sexual intrafamiliar na narrativa.

Em busca da constatação da afirmação anterior, deve ser levado em consideração o ponto de vista de Chapeuzinho Vermelho em relação ao Lobo. A jovem acredita que a pessoa a quem se dirige é realmente a sua avó, e por mais que surjam dúvidas sobre a aparência do seu “parente”, a confiança depositada no animal faz a personagem aceitar as interações de abusos sexuais ocorridas entre ela e o antagonista como demonstrações de carinho e afeto. Nas situações em que o abuso intrafamiliar ocorre, Araújo (2002) explica que os pais ou responsáveis, em muitos casos, utilizam o seu poder para fins de dominação e exploração, para a satisfação de seus desejos e necessidades pessoais, por meio de sedução e carinho que escondem a agressão sexual.

Caso a série de abusos sexuais continuasse a ocorrer com Chapeuzinho Vermelho, as consequências poderiam ser inúmeras. Assim, Lima e Diolina (2013, p. 11 *apud* MIORANZA *et al.*, 2018, p.59), citam como essas consequências podem ser classificadas, apresentando, entre elas, as de curto prazo:

Físicas: pesadelos e problemas com o sono, mudanças de hábito alimentares, perda do controle de esfíncteres; Comportamentais: Consumo de drogas e álcool, fugas, condutas suicidas ou de auto-flagelo, hiperatividade, diminuição do rendimento acadêmico; Emocionais: medo generalizado, agressividade, culpa e vergonha, isolamento, ansiedade, depressão, baixa auto-estima, rejeição ao próprio corpo (sente-se sujo); Sexuais: conhecimento sexual precoce e impróprio para a sua idade, masturbação compulsiva, exibicionismo, problemas de identidade sexual; Sociais: déficit em habilidades sociais, retração social, comportamentos antissociais.

Assim, o abuso sexual é o motivo agravante para o surgimento dos problemas patológicos exemplificados acima; mas, além disso, outros fatores vivenciados no meio familiar podem contribuir para que a vítima se sinta impotente e ainda mais prejudicada. Os autores Prado e Pereira (2008 *apud* MIORANZA *et al.*, 2018, p.58) abordam a recorrência das situações abusivas, a complacência e as reações familiares após a revelação, agravadas quando implicam em desmentir a criança, denegação e permanência da situação abusiva, com o silêncio e o conluio da família, como alguns dos aspectos que favorecem fatores traumáticos.

Dessa forma, por mais que houvesse uma chance para Chapeuzinho Vermelho escapar das garras do Lobo antes de ser devorada, o episódio em si poderia traumatizar a garota de diferentes formas possíveis. De maneira alguma a personagem voltaria a confiar nas pessoas ao seu redor, com receio de algo semelhante ocorrer novamente. Além de tudo, o assassinato da sua avó poderia interferir em seu desenvolvimento emocional caso a jovem resolvesse assumir a culpa pelo trágico incidente.

No conto, o narrador afirma que Chapeuzinho Vermelho é uma linda menina e mora com sua mãe em uma aldeia próxima à floresta. O local onde a narrativa ocorre sugere uma distância entre a civilização do campo e da cidade, buscando representar as condições de vida em que as personagens se encontram. Porém, isso não é um indicativo para justificar a presença da violência presente na história escrita por Charles Perrault, e, muito menos, as etapas que levaram ao abuso sexual cometido pelo Lobo, defendido nesta pesquisa. Segundo Ferrari e Vecina (2004 *apud* NEVES *et al.*, 2010, p.102), a violência sexual intrafamiliar aparece em qualquer nível social, e não distingue raça, etnia ou credo. Variante a essa problemática, Guerra (1998) caracteriza esse tipo de violência como de natureza interpessoal e cita a dificuldade de denúncias em determinadas camadas sociais:

Sabe-se que há violência em todos os níveis sociais, porém, nas camadas mais baixas há um maior registro das denúncias que geralmente são acompanhadas por intervenções dos órgãos públicos. Isso não ocorre nas altas camadas da sociedade, que em geral, se mantêm no anonimato em grande parte das vezes (GUERRA, 1998 *apud* NEVES *et al.*, 2010, p.102).

Ainda sobre a ambientação na qual “Chapeuzinho Vermelho” se apresenta, é possível perceber outro elemento que colabora para a constatação da presença do abuso sexual intrafamiliar no conto, além das vestimentas da avó utilizadas pelo Lobo.

Do momento em que a protagonista se deita ao lado do antagonista na cama do seu parente até ser devorada, é necessário recordar que todo o ato de violência sexual ocorre na residência da boa senhora. A casa é citada algumas vezes no decorrer da narrativa, sendo um motivo importante para as personagens principais, visto que Chapeuzinho Vermelho precisa entregar a cesta de comida no local, e o Lobo chegar primeiro à residência para iniciar seus atos de maldade.

Por conseguinte, ao finalmente entrar na casa da sua avó, Chapeuzinho Vermelho acredita estar em um ambiente seguro, aconchegante e onde nenhuma maldade lhe acarretará. Então, a ironia ganha vida, e justamente no lugar menos propenso a algo de ruim acontecer com a jovem, o mal se faz presente ao seu lado. O mais dolorido é saber que a protagonista não possuía nenhum discernimento do ocorrido, e, assim como muitas crianças e adolescentes, tornou-se mais uma vítima de uma forma de violência repulsiva, imprópria e infâmia.

A dinâmica do abuso sexual descrita no conto de Charles Perrault reforça a fragilidade do assunto em nossa realidade. Mas, também, pode nos manter em alerta sobre a gravidade das ocorrências desse tipo de violência em nossa vizinhança, cidade e, principalmente, em nosso país. O abuso sexual intrafamiliar pode ocorrer em qualquer família e sem distinção de classe. Em “Chapeuzinho Vermelho” fica claro para os leitores o quão perigoso é dar ouvidos a estranhos, especialmente aqueles com supostas “boas intenções”, assim como o Lobo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um conto de fadas pode representar muito mais do que uma história comum final feliz. Sendo assim, consideramos que a versão de “Chapeuzinho Vermelho”, escrita por Charles Perrault, possui um valor imensurável para a literatura devido a sua complexidade ao retratar temas importantes, como a violência, e quebrar a expectativa do leitor ao entregar um desfecho infeliz. E por meio desta pesquisa, foi possível destacarmos as formas de abuso sexual que se apresentam na narrativa clássica de Perrault, através de diálogos e ações tomadas pelas personagens principais.

Para isso, foi necessário delinear a importância dos contos de fadas para o contexto em que nos encontramos. Graças ao poder da tradição oral, cujas histórias eram contadas por povos que as enxergavam como uma forma de escape da dura realidade da qual faziam parte, os contos ganhavam formas e adaptações que se perpetuaram durante séculos. A escolarização foi responsável por dar visibilidade às crianças e aos adolescentes, que antes do século XIII não se encaixavam em nenhum estereótipo da sociedade, surgindo, por conseguinte, o significado de infância. Com isso, as escolas foram as responsáveis por trabalhar com histórias de reis, rainhas, príncipes e princesas que, conseqüentemente, ganharam um novo público.

Os contos de fadas passaram a ser vistos como literatura infanto-juvenil por meio das contribuições de alguns autores, entre eles, o francês Charles Perrault, que buscou as melhores histórias da tradição oral da França e nos presenteou com uma coletânea de contos imortalizados em nossos imaginários. Dentre esses contos, encontra-se “Chapeuzinho Vermelho”, cujo surgimento é incerto; porém, pode possuir referências no mito grego de Cronos, o deus do tempo que, ao temer ser destronado por seus filhos, os devora logo após o nascimento deles. Além disso, outra possível referência é a história latina intitulada *Fecunda ratis*, de Egberto de Lièges (1023), onde uma menina com uma manta vermelha é descoberta na companhia de lobos.

Por meio da história de “Chapeuzinho Vermelho”, foi possível observar alguns significados em elementos que compõem a narrativa, como o capuz vermelho, o caminho da floresta e o Lobo. O capuz com a sua cor vermelha indica, além da juventude, a beleza da protagonista; enquanto o caminho da floresta tomado por Chapeuzinho Vermelho, uma forma de travessia da vida para a morte. Já o Lobo, além de significar um obstáculo no caminho da jovem do capuz vermelho, representa a maldade e a vitória do mal sobre o bem. O animal também é utilizado como metáfora para simbolizar homens na fase adulta e que indicam

algum perigo às mulheres, como o próprio autor, Charles Perrault, afirma em um dos prefácios do conto. Essa afirmação, assim como as simbologias citadas anteriormente, reforçou o objetivo principal desta pesquisa, que foi delinear a presença do abuso sexual em “Chapeuzinho Vermelho”.

As fontes bibliográficas utilizadas durante o trabalho possibilitaram compreender como a violência sexual é definida e classificada, sendo o abuso sexual um de seus tipos e aquela em que a vítima é uma criança e/ou um adolescente. A partir da narrativa de Charles Perrault, entende-se que ocorre uma série de abusos sexuais com Chapeuzinho Vermelho, divididas nas etapas de preparação e episódios. Na primeira, o agressor, representado pelo Lobo, buscou meios de aproximação com a jovem e, fingindo ser a avó da protagonista, conquista sua confiança. Durante os episódios, o Lobo aproveita a situação e, enganando Chapeuzinho Vermelho, a pede para deitar-se na cama, como também, um beijo. Em seguida, as formas de abusos sexuais cometidos são identificadas por meio dos diálogos entre as personagens, sendo eles o *voyeurismo* e o estupro.

O *voyeurismo* é um termo utilizado para a forma de abuso sexual na qual o Lobo deseja observar Chapeuzinho Vermelho sem roupa ao afirmar que seus olhos são para enxergá-la melhor. Entre as afirmações do animal, está abraçar a garota usando os braços peludos. Assim, as respostas do antagonista diante os questionamentos de Chapeuzinho Vermelho sobre a aparência dele, vestido com as roupas de sua avó, puderam ser entendidas como formas de ameaças, principalmente, quando ele diz que suas enormes orelhas são para “ouvi-la melhor”. Sobre essa afirmação, a interpretação realizada durante a análise foi que, caso ela resolvesse fugir, seria encontrada facilmente. Já o estupro ocorre no momento em que o Lobo devora Chapeuzinho Vermelho, em um ato de violência brutal e covarde.

O fato de o estupro, assim como as outras formas de abuso sexual, ocorrer dentro da casa do parente de Chapeuzinho Vermelho, com o Lobo utilizando as vestimentas de sua primeira vítima de violência, a avó, indicou o tipo de abuso sexual presente na história: o intrafamiliar. Nele, o abuso ocorre entre pessoas da mesma família, como pais, padrastos, mães, madrastas, tios, tias, avós, primos. Na narrativa de Charles Perrault, a alusão feita é de que o abuso sexual ocorre entre Chapeuzinho Vermelho e o Lobo, como também, entre a protagonista e sua avó.

Infelizmente, a pesquisa realizada revelou que o abuso sexual é um caso de saúde pública mundial, pois o número de casos foi constantemente elevado durante a última década, podendo acarretar, ainda, diversos problemas patológicos a quem sofre esse tipo de violência sexual. Observou-se, também, que existe uma omissão em parte dos casos, visto que os

agressores são pessoas próximas às vítimas, o que dificulta as denúncias devido a ameaças e as dúvidas impostas nas palavras daqueles que foram abusados sexualmente. E como em “Chapeuzinho Vermelho” o abuso sexual ocorre entre uma jovem e um Lobo, a maior parte dos casos reais é caracterizado com o agressor sendo representado pelo sexo masculino e, a vítima, pelo sexo feminino.

Desta forma, o presente trabalho pode se constituir como uma ferramenta de apoio aos que buscam entender, de forma mais amena e dialógica, como o abuso sexual ocorre em nossa sociedade. Além disso, a pesquisa reforça a importância dos contos de fadas, com destaque para o conto “Chapeuzinho Vermelho”, para o meio acadêmico e disciplinar, ao auxiliar no surgimento de estudos que visam delinear problemas sociais constantemente representados a partir da literatura.

No mais, a vitória do Lobo, presente no desfecho da narrativa de Charles Perrault, reforça a ideia da necessidade de políticas públicas mais eficazes, com leis e iniciativas governamentais que realmente garantam a segurança de diversas crianças e adolescentes ao redor do mundo. No Brasil, é constante observamos em noticiários os casos de algum tipo de violência sexual. Entre os mais inadmissíveis, encontra-se o abuso sexual contra menores de idade praticado por aqueles que deveriam ser sinônimo de proteção e cuidado, ao zelarem por uma infância feliz e sem traumas daqueles que não merecem sofrer nenhum tipo de maldade, nem mesmo nos contos de fadas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ana; JORGE, Calhaz. Puberdade e seus distúrbios. **Manual de ginecologia**, 2011. Disponível em: <http://www.fspog.com/fotos/editor2/cap_14.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2020.
- ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **Contos de Perrault**. Ilustrações de Elizabeth Teixeira. 1. ed. São Paulo: Ática, 2012.
- ALMEIDA, Luzia. Descortinando o feudalismo: estrutura social e o universo simbólico século IX ao XIII. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Vol. 1, 2010. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_fafipa_hist_artigo_luzia_ferreira_de_almeida.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Violência e abuso sexual na família. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 7, n. 2, p. 3-11, Dec. 2002. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 out. 2020.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BALDICK, Chris. **The Concise Oxford Dictionary of Literary Terms**. New York: Oxford University Press Inc., 2001.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BÍBLIA SAGRADA**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2017.
- BRANCO, Sérgio. **O domínio público no direito autoral brasileiro**: uma obra em domínio público. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Atenção integral para mulheres e adolescentes em situação de violência doméstica e sexual**: matriz pedagógica para formação de redes. 1. ed., 2. reimpressão. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2011.
- _____. Lei n. 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei n. 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei n. 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. **Lei – Planalto**, Brasília, DF, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm>. Acesso em: 04 abr. 2021.

CAMPOS, Carmen Hein de et al. Cultura do estupro ou cultura antiestupro? **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 981-1006, set./ dez. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rdgv/v13n3/1808-2432-rdgv-13-03-0981.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2021.

CAMPOS, L. F. de L. **Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia**. Campinas, SP: Alínea, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2003.

CORDEIRO, L. P.; SANTOS, A. S. Chapeuzinho Vermelho: comparação de versões traduzidas no Brasil. **Enlije**, 2019. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/44a8b5d0c833b23af59f147546dbe62e56_105_.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2020.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, número. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

ELOY, C. B. A representação social do abuso sexual infantil no contexto judiciário. **Revista de psicologia da UNESP**. v. 9, n. 2, p. 66-78, 2010.

ETAPECHUSK, Jéssica. SANTOS, Wenner Daniele Venâncio dos. Um estudo sobre o sujeito pedófilo, uma visão da Psicologia. **Psicologia.pt**, 2017. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1176.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

FEBER, Michael. **A Dictionary of Literary Symbols**. New York: Cambridge University Press, 2007.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2015. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/storage/9_anuario_2015.retificado_.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2021.

FILHO, Ciro Marcondes. Violência Fundadora e Violência Reativa na Cultura Brasileira. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 20-27, Abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392001000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 out. 2020.

FLORENTINO, B. R. B. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 139-144, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/fractal/v27n2/1984-0292-fractal-27-2-0139>>. Acesso em: 31 mar. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GRIMM, Irmãos. **Chapeuzinho Vermelho**. 6. ed. Tradução Nilce Teixeira. São Paulo: Ática, 1997.

HOHENDORFF, Jean Von; HABIGZANG, Luisa Fernanda; KOLLER, Sílvia Helena. **Violência sexual contra meninos: Teoria e intervenção.** Curitiba: Juruá. 2014.

HOHENDORFF, Jean Von; PATIAS, Naiana Dapieve. Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.49, p. 239-257, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/228499947.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar).** Brasília, 2014. Disponível em:<https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadist11.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2021.

JUNG, Carl Gustav. **A dinâmica do inconsciente.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

MARTINEZ, Melanie. **Tag, You're It.** Atlantic Recording Corporation, 2015. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/melanie-martinez/tag-youre-it-traducao.html>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

MARTINEZ, Melanie. Vídeo (6:44 min). **Tag, You're It/ Milk and Cookies Double Feature.** Publicado pelo canal Melanie Martinez, 2016. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=BEYHJFIONvU>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

MIORANZA, Andressa et al. Abuso sexual infantil-juvenil: interfaces com a saúde. **Revista Humano Ser- UNIFACEX**, Natal-RN, v.3, n.1, p. 47-65, 2017/2018.

NEVES, Ana Maria Silva et al. Abuso sexual contra a criança e o adolescente: reflexões interdisciplinares. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v.18, n.1, p.99-111, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 out. 2020.

OLIVEIRA, Aurélio. **O Lobo e os Sete Cabritinhos.** Coleção Clássicos Infantis. São Paulo: Moderna, 1997.

PERRAULT, Charles. **Chapeuzinho Vermelho/ Le Petit Chaperon Rouge.** SOUZA, Elisângela Maria de (Trad.). MICHELLI, Regina; GARCÍA, Flavio; BATALHA, Maria Cristina (Eds.). Coleção Charles Perrault. Vol. 1. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2019.

PERRAULT, Charles. **The Fairies.** Translated by A. E. Johnson from *Old-Time Stories told by Master Charles Perrault* (Dodd Mead and Company, 1921). Translations of the verse morals are from *Perrault's Fairy Tales*, translated by S. R. Littlewood (London: Herbert and Daniel, 1912). Disponível em:<<http://www.pitt.edu/~dash/perrault05.html>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

PESSOLATO, Luciana. BRONZATTO, Mauricio. As Transformações dos Contos de Fadas e o Surgimento da Infância. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, 2014. Disponível em:<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Luciana.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2020.

PHILIP, Neil. **Volta ao mundo em 52 histórias**. Ilustrações de Niles Mistry. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

RADINO, Glória. **Contos de fadas e realidade psíquica**: a importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ROCHA, Waldyr Imbroisi. As Várias Histórias de Chapeuzinho Vermelho: repressão e moral nos contos de fadas. **Anagrama**: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 3. Edição 4. São Paulo, 2010.

ROMARO, R. A; CAPITÃO, C. G. **As faces da violência**: aproximações, pesquisas, reflexões. São Paulo: Vetor, 2007.

SCHOOR, Manuela Teixeira et al. Voyeurismo: relato de caso. **Revista Debates em Psiquiatria**, Ano 7, p. 38-41. Dezembro, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323372514_Voyeurism_case_report>. Acesso em: 01 abr. 2021.

SOUZA, Cecília de Melo e; ADESSE, Leila; **Violência sexual no Brasil**: perspectivas e desafios. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

SWIFT, Taylor. **Out Of The Woods**. Big Machine Records, 2014. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/taylor-swift/out-of-the-woods/traducao.html>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

TATAR, Maria. “Edição, introdução e notas”. In: **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

VASCONCELOS, Meggie Lecioli. Como o Mickey Mouse foge do domínio público. **JUS**, 2016. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/50884/como-mickey-mouse-foge-do-dominio-publico>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A sombra e o mal nos contos de fadas**. São Paulo: Paulus, 1985.

VON HOHENDORFF, J., KOLLER, S. H., & HABIGZANG, L. F. Psicoterapia para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no sistema público: Panorama e alternativas de atendimento. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 35, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2820/282038428014.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ANEXO A- Conto “Chapeuzinho Vermelho” extraído do livro *Volta Ao Mundo Em 52*

VOLTA AO MUNDO EM 52 HISTÓRIAS

Chapeuzinho Vermelho



MORAL DA HISTÓRIA
Ao registrar este conto pela primeira vez, em 1697, Charles Perrault pretendia alertar as crianças para o perigo de falar com pessoas estranhas. “Assim aprendemos que as crianças, principalmente as meninas bonitas, gentis e bem-criadas, não devem dar ouvidos a homem nenhum”, concluiu.



PELA ESTRADA AFORA...
Ainda que Chapeuzinho atravessasse uma floresta aprazível como a de Compiègne, ao norte da França, os perigos a estariam espreitando em cada curva do caminho.

UMA LINDA MENINA morava com sua mãe numa aldeia próxima à floresta. Todos a amavam, sobretudo sua avó, que lhe fez uma capa vermelha com capuz. A menina usava tanto essa roupa que passaram a chamá-la de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia sua mãe assou um delicioso pão de frutas, colocou numa cesta, junto com um pote de manteiga, e lhe disse: “Vá visitar sua avó, que está adoentada, e leve estas coisas para ela”.

Sempre obediente, Chapeuzinho vestiu sua capa, pegou a cesta e rumou para a casa da boa velhinha. Mais ou menos na metade do caminho, um lobo lhe perguntou: “Aonde vai, filhinha?”.



“Aonde você vai, filhinha?” o lobo faminto pergunta à menina.

“Vou levar pão de frutas e manteiga para a vovó”, respondeu ela, sem saber como é perigoso conversar com lobos, ainda mais estranhos.

“E onde sua avó mora?”

“Na primeira casa depois da floresta.”

“Também quero visitá-la. Vamos ver quem chega lá primeiro?”, o lobo falou e, sem esperar resposta, enveredou por um atalho.

A menina seguiu caminho, sem pressa, parando cá e lá para admirar as borboletas e colher flores para sua avó.

Histórias

CHAPEUZINHO VERMELHO ■ França



Enquanto isso, movido pela fome, o espertalhão do lobo corria sem nem sequer olhar para os lados e dali a dois minutos estava batendo na porta da primeira casa depois da floresta — toc, toc, toc.

“Quem é?”, uma voz trêmula perguntou.

O lobo afinou o vozeirão o mais que pôde: “Chapeuzinho Vermelho! Vim trazer um pão de frutas e um pote de manteiga que a mamãe mandou!”.

“Entre, filhinha! A porta não está trancada!”

Mais que depressa o mentiroso meteu a pata no trinco, saltou sobre a pobre velha e a devorou. Com a barriga quase cheia, fechou a porta, deitou-se na cama e ficou esperando.

Estava quase pegando no sono quando ouviu uma batida na porta — toc, toc, toc. “Quem é?”, perguntou.

Chapeuzinho se assustou com aquela voz grossa e rouca, mas então se lembrou de que a avó estava adoentada. “Deve ser uma gripe e tanto”, pensou, respondendo em seguida: “É Chapeuzinho Vermelho! Vim trazer um pão de frutas e um pote de manteiga para você!”.

“Entre, filhinha! A porta não está trancada!”, ele falou, repetindo as palavras que a coitada da velhinha lhe dissera. E, quando a menina entrou, pediu-lhe, todo meloso: “Por favor, querida, ponha o presente que sua mãe me mandou no armário e venha aqui me dar um beijo!”.

Chapeuzinho guardou as coisas, tirou a capa e se aproximou da cama. Nunca tinha visto a avó adoentada e se admirou muito com sua aparência estranha. “Que braços peludos, vovó!”, exclamou.

“São para abraçá-la melhor, meu bem!”, o lobo respondeu.

“E que pernas compridas, vovó!”

“São para segui-la melhor, meu bem!”

“E que orelhas enormes, vovó!”

“São para ouvi-la melhor, meu bem!”

“E que olhos grandes, vovó!”

“São para vê-la melhor, meu bem!”

“E que dentes afiados, vovó!”

“São para comê-la!”, o lobo rugiu.

E de uma só bocada devorou Chapeuzinho Vermelho.



FINAIS DIVERSOS

Em algumas versões desta história o lobo não consegue devorar Chapeuzinho e acaba sendo morto por um caçador, que lhe abre a barriga para resgatar a avó, sã e salva. Contudo, no filme *Companhia de lobos*, de 1984 (acima), a vitória final pertence aos lobos.

Chapeuzinho sobe na cama da falsa vovó.

